



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

PAULO HENRIQUE ROSA FLORINDO

**A TRANSIÇÃO ESCOLAR DO 5º PARA O 6º ANO NO
ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR SOBRE O
COMPONENTE CURRICULAR DE HISTÓRIA**

Londrina, PR
2024

PAULO HENRIQUE ROSA FLORINDO

**A TRANSIÇÃO ESCOLAR DO 5º PARA O 6º ANO NO
ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR SOBRE O
COMPONENTE CURRICULAR DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Profa. Dra. Marlene Rosa Cainelli

Londrina, PR
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

FLORINDO, PAULO HENRIQUE ROSA .

A TRANSIÇÃO ESCOLAR DO 5º PARA O 6º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL: : UM OLHAR SOBRE O COMPONENTE CURRICULAR DE HISTÓRIA / PAULO HENRIQUE ROSA FLORINDO. - Londrina, 2024.
132 f. : il.

Orientador: Profa. Dra. Marlene Rosa Cainelli.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Transição escolar - Tese. 2. Ensino Fundamental - Tese. 3. Educação Histórica - Tese. 4. Currículo - Tese. I. Cainelli, Profa. Dra. Marlene Rosa . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 93

PAULO HENRIQUE ROSA FLORINDO

**A TRANSIÇÃO ESCOLAR DO 5º PARA O 6º ANO NO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM OLHAR SOBRE O COMPONENTE
CURRICULAR DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Marlene Rosa Cainelli
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Ronaldo Cardoso Alves
Universidade Estadual de São Paulo -
UNESP

Prof. Dra. Márcia Elisa Teté Ramos
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Suplente: Prof. Dra. Marisa Noda
Universidade Estadual do Norte do Paraná -
UENP

Londrina, 20 de Fevereiro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha mãe, Lucineide Rosa Darin, pois sem seu exemplo e perseverança, nada teria acontecido. Agradeço à minha companheira de luta e da vida, Raquel Ribeiro de Carvalho Bastos, por ser uma grande incentivadora e com quem compartilhei os momentos bons e ruins dos últimos anos, além de ser uma grande revisora de textos e uma guerreira sem tamanho. Agradeço também aos meus familiares que sempre me apoiaram: meu irmão, Jorge Alberto Rosa Florindo; minha titia, Tereza Cristina Alves Florindo; meu pai e tantos outros que não mencionei, mas que estão ao meu lado sempre.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos Pedro Ragusa e Leonardo Silvano Ferreira, que desde o início do projeto estiveram ali fazendo correções e indagações. Não poderia deixar de fora os corretores de texto Marllon Moreti e Sávio, Oliveira da Silva que foram de fundamental importância. Por fim, agradeço à minha orientadora, Marlene Rosa Cainelli, que com bastante generosidade acolheu esta pesquisa. Sem ela, nada seria possível.

À Cecília, Yakecan e Yara....

RESUMO

FLORINDO, Paulo Henrique Rosa. **A transição escolar do 5º para o 6º ano no ensino fundamental: um olhar sobre o componente curricular de história.** 2024. 133. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024,

Este trabalho analisou os processos de transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental da rede pública do Estado do Paraná, com ênfase no componente curricular de história e suas especificidades, na cidade de Londrina. A metodologia ligada à teoria fundamentada são apresentadas mostrando as ferramentas para as análises dos questionários. No primeiro capítulo, tratamos sobre Currículo, dialogando com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Currículo do Estado do Paraná (CREP) e a Diretriz Curricular (DC) de Londrina. Assim, discutimos suas proximidades e afastamentos, ou seja, de não terem sido pensados levando em conta a transição do 5º para o 6º ano. No segundo capítulo, analisamos o material do “Educa Juntos”, um documento que demonstra como o Estado do Paraná vem pensando a transição escolar, logo após pensamos o sistema de ensino de Londrina e suas especificidades através de dados fornecidos pela SEED e pela Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No terceiro capítulo, após o diálogo sobre a Educação Histórica enquanto campo teórico que orienta as ações no ensino de história, sua importância e relevância, apresentamos os documentos orientadores do currículo em nível estadual e municipal, bem como os questionários que dão voz a nossos educadores, abordando suas visões, conhecimentos e proposições, que entendemos como narrativas sobre a transição e como desenvolvem este processo.

Palavras-chave: Transição escolar; Ensino Fundamental; Educação Histórica; Currículo.

ABSTRACT

FLORINDO, Paulo Henrique Rosa. **The Transition from 5th to 6th Grade in Elementary Education: a look at the history curriculum component.** 2024. 133. Thesis (Master's degree in Social History) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

This work analyzed the transition processes from the 5th to the 6th year in public elementary education in the State of Paraná, with an emphasis on the history curricular component and its specificities, in the city of Londrina. The methodology linked to grounded theory is presented, showing the tools for analyzing the questionnaires. In the first chapter, we address the curriculum, dialoguing with the National Common Curricular Base (BNCC), the Curriculum of the State of Paraná (CREP), and the Curricular Guideline (DC) of Londrina. We discussed their proximities and distances, noting that they were not developed with the transition from the 5th to the 6th year in mind. In the second chapter, we analyze the material from "Educa Juntos," a document that demonstrates how the State of Paraná has been considering school transition. We then examine the Londrina education system and its specificities through data provided by SEED and the Municipal Secretariat of Education of Londrina. In the third chapter, after discussing Historical Education as a theoretical field that guides actions in teaching history, its importance, and relevance, we present the guiding documents of the curriculum at the state and municipal levels. Additionally, we include the questionnaires that give voice to our educators, addressing their visions, knowledge, and propositions, which we understand as narratives about the transition and how they develop this process.

Keywords: School Transition; Fundamental Education; Historical Education; Curriculum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Número de matrículas do ensino fundamental, por dependência administrativa estadual/municipal e percentual de matrículas municipalizadas em cada fase, segundo cada Estado em 2020.	33
Figura 2 – Distorção idade/série.....	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ações com os 5º anos do Ensino Fundamental.....	35
Quadro 2 – Ações com os 6º anos do Ensino Fundamental.....	43
Quadro 3 – Ações integradas entre 5º e 6º anos do Ensino Fundamental.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CREP	Currículo da rede estadual paranaense
DC	Diretriz Curricular de Londrina
SEED	Secretária de Educação do Paraná
SME	Secretária Municipal de Educação
GT	Teoria Fundamentada
HA	Hora-Atividade
R1	Regente 1
R2	Regente 2
RD A	Questionário 1 Anexo II
R2 B	Questionário 2 Anexo III
R2 C	Questionário 3 Anexo IV
R2 D	Questionário 4 Anexo V
R2 E	Questionário 5 Anexo VI
HIS A	Questionário 5 Anexo IX
HIS B	Questionário 5 Anexo X
HIS C	Questionário 5 Anexo XI
HIS D	Questionário 5 Anexo XII
HIS E	Questionário 5 Anexo XIII

*SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	CURRÍCULO: BNCC, CREP, DC E O PROGRAMA EDUCA JUNTOS.....	25
2.1	Currículo: BNCC, CREP e DC.....	25
2.2	Programa Educa Juntos e o Manual de Transição	28
	2.3 SISTEMAS DE EDUCAÇÃO: TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO	56
3	ENSINO DE HISTÓRIA NA TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO.....	58
3.1.	Educação Histórica.....	58
3.2.	Questionários.....	60
3.2.1.	Questionários com Educadores do 5º ano	61
3.2.2.	Questionários com educadores do 6º ano.....	71
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS.....	87
	ANEXO I	90
	ANEXO II	91
	ANEXO III	94
	ANEXO IV	97
	ANEXO V	99
	ANEXO VI	101
	ANEXO VII	108
	ANEXO XVIII	112
	ANEXO IX - QUESTIONÁRIOS COM EDUCADORES 6º ANOS	125
	ANEXO X	127
	ANEXO XI	129
	ANEXO XII	131

1 INTRODUÇÃO

A inquietação desta pesquisa surge da experiência prática. Ser professor de História e receber os educandos do 6º ano é sempre uma tarefa árdua, pois é uma mudança muito grande. Para os/as educandos/as, além de mudar a espacialidade, a visão sobre a instituição, o número de profissionais e os materiais, enfim, elementos do cotidiano, ocorrem, também, mudanças pessoais, considerando as idades desses estudantes. Nesse contexto, surgem transformações radicais e novas preocupações advindas desse processo envolvendo toda a comunidade escolar. A preocupação está agora voltada para os trabalhadores das escolas, os educadores.

No município de Londrina-PR, a disciplina de História é ministrada desde o primeiro ano do ensino fundamental, sendo lecionada pela professora generalista nos três primeiros anos; já no quarto e quinto anos, por uma professora(o) que não é especialista, mas ministra História, Geografia e Ensino Religioso. Este cargo pode contar com professoras(es) especialistas ou de áreas próximas, devido a uma primeira ou segunda formação em áreas mais específicas ligadas ao trabalho deste profissional, que ministrará essas três disciplinas. Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo investigar como esses educadores compreendem esse ato e como as mantenedoras (SEED e SEMEL) articulam esta transição. Propusemos realizar essa análise a partir dos olhares dos professores e das instituições mantenedoras.

Sou natural de Marília-SP, onde fiz toda a minha formação básica, destaco as instituições de ensino: a Escola Estadual Bento de Abreu Sampaio Vidal, o Colégio Estadual Amilcare Mattei e o Colégio Interação (onde fui bolsista no Ensino Médio). Fiz curso técnico de Mecânica de Usinagem, na Escola SENAI - José Polizoto. Oriundo de uma família com muitos educadores, ingressei na Universidade Estadual de Londrina, no curso de História, em 2003, concluindo em 2006, culminando em uma especialização em História Social e Ensino de História na Universidade Estadual de Londrina. Comecei minha carreira como educador em 2005, no cursinho comunitário na Escola Municipal Moacyr Teixeira, na zona Norte de Londrina, atuando como professor por quase dois anos. Em 2007, transitando entre Marília-SP e Londrina-PR, ministrei aulas no Colégio Estadual José Augusto Bartolo de Avencas-SP (onde iniciei

minha trajetória no ensino público, atuando em todas os anos do ensino Fundamental II¹) e no Colégio Estadual Monsenhor Bicudo, atuando como professor eventual no Ensino Médio noturno. Em 2008, regressei para Londrina, atuando nas escolas de robótica do colégio Universitário e do INSA de Cambé. No serviço público, como professor temporário a partir de um Processo Seletivo Simplificado (PSS), atuei em vários colégios públicos (no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio), onde foi possível conhecer várias realidades das escolas de Londrina.

Em 2009, além das escolas de Londrina, trabalhei em Ibiporã, no Colégio Polo e no Colégio Estadual Teotônio Brandão Vilela (em todas as séries do Ensino Fundamental e Médio). Como o vínculo era provisório, passei por dezenas de escolas em Londrina, até que em 2012 ingressei no Quadro Próprio do Magistério (QPM). Mesmo concursado, continuei trabalhando em várias instituições, até que em 2015, no concurso de remoção, meu padrão foi fixado no colégio Estadual Nilo Peçanha (em todas as séries do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio). Trabalhei neste colégio durante grande parte da minha jornada escolar, mas nunca sem compartilhar experiências em outras instituições, até que, no final de 2022, ingressei como técnico pedagógico no Núcleo Regional de Ensino de Londrina (NRE/Londrina), transitando nas Pastas do Mãos Amigas, Educação em Tempo Integral e, atualmente, Diversidade e Direitos Humanos, o que me permitiu observar como a educação é planejada e executada em outras instâncias colegiadas da Secretaria de Educação (SEED).

Londrina, por ter seu sistema próprio de educação, construiu uma forma específica de gerir o sistema educacional até o 5º ano do ensino fundamental. A partir do 6º ano, é o Estado do Paraná, através da SEED (Secretaria de Educação), que gere o sistema de ensino público, supervisionando os sistemas públicos e privados da cidade. Portanto, é nesse momento que existe uma transição de instituições e mantenedoras no ensino público, que é um fator relevante nas análises a seguir.

Para a realização da pesquisa, utilizamos questionários respondidos por professores que atuam nos 5º e 6º anos do Ensino Fundamental. A análise das respostas parte de pressupostos qualitativos, levando em conta as considerações de

¹ A minha experiência no cursinho em Londrina era realizada dentro de uma instituição pública, porém a prefeitura apenas cedia o prédio no período da noite, onde aconteciam outras atividades para o funcionamento do cursinho, por isso considero a experiência de Avencas meu ingresso no serviço público.

Cainelli e Thompson (2020, p. 6):

[...] no que se refere às abordagens quantitativas e qualitativas, sabe-se também dos problemas em se assumir cegamente apenas um dos “lados” ou de até supervalorizar um pelo outro. Para Demo (2005), é ilusória a colocação da dicotomia qualitativo versus quantitativo de modo excludente. Para esse autor, a saída seria a compreensão de que há análises com caráter mais marcadamente qualitativo e outras com o caráter quantitativo com mais destaque. Em muitos casos, há inclusive a combinação dos métodos em procedimentos que visam apenas ao enriquecimento dos dados e da pesquisa (CAINELLI; THOMSON, 2020).

Assim, esta dissertação propõe um percurso metodológico que articula elementos qualitativos.

Acreditamos que o campo teórico trabalha em dois eixos, o da perspectiva da educação histórica e o da investigação sobre o ensino de história. Mais especificamente, no âmbito da transição do quinto para o sexto ano na cidade de Londrina, consideramos de suma importância a definição deste campo, conforme destaca Demo:

Além disso, deve-se se considerar o campo teórico específico do pesquisador, que também implica determinadas considerações sobre os modos de investigação e até sobre os modos de se perceber a realidade vivida. Para Demo (2005), na verdade, um dos critérios mais relevantes e que moldará a vertente epistemológica da investigação é justamente o campo teórico adotado pelo pesquisador. Segundo o autor “A pesquisa qualitativa quer fazer jus à complexidade da realidade, curvando-se diante dela, não o contrário, como ocorre com a ditadura do método ou a demissão teórica que imagina dados evidentes” (DEMO, 2005, p. 114).

Neste trabalho, demos uma ênfase maior no qualitativo, os questionários respondidos por profissionais com experiência na área puderam trazer situações que, muitas vezes, são imperceptíveis quando tratamos de pesquisas com grandes contingentes de professores. Nessa perspectiva, tal abordagem se assemelha muito com a abordagem de Demo:

Assim, evidencia-se uma das características da análise qualitativa de fenômenos sociais: a consideração prévia do pesquisador de que o ser/objeto analisado é complexo e não-linear. Analisar qualitativamente é andar na “incompletude ostensiva”, assumindo uma noção de conhecimento “visivelmente limitado” (DEMO, 2005, p. 109). Essas perspectivas decorrem da desconstrução dos parâmetros metódicos e empiristas, entretanto as condições de conhecimento de caráter científico são mantidas: “precisa ser lógico, sistemático,

coerente, sobretudo bem argumentado” (DEMO, 2005, p. 30).

Por isso, a intenção de uma metodologia ligada à possibilidade de analisar de forma qualitativa fenômenos sociais, como é o processo de transição de séries, principalmente focando-se no ensino de história. Neste contexto, vamos utilizar a Teoria fundamentada, um método de análise focado no qualitativo, onde os significados e a análise ficam diretamente ligadas às fontes, e serão a partir dessas fontes que os conceitos vão surgir.

A intenção é extrapolar os níveis meramente descritivos da realidade pesquisada. Exige-se do pesquisador a elaboração de um conjunto teórico, formulado a partir dos dados analisados. Assim, busca-se extrair aspectos significativos e fundantes das experiências vivenciadas pelos sujeitos, possibilitando correlacionar constructos teóricos. Mas, afinal, no que consiste tal teorização que será derivada da análise dos dados? De acordo com Strauss e Corbin (2008), elaborar uma teoria é estruturar: “um conjunto de conceitos bem desenvolvidos relacionados por meio de declarações de relações que, juntas, constituem uma estrutura integrada que pode ser usada para explicar ou prever fenômenos” (CAINELLI; THOMSON, 2020).

No caso da nossa pesquisa, a coleta de dados se deu através de entrevistas com profissionais experientes na área da educação, seja com os educadores da rede municipal que atuam no ensino fundamental I, quanto com os educadores que atuam na rede estadual no ensino fundamental II. Com a preocupação com a pesquisa qualitativa, a Teoria Fundamentada - GT- é de fundamental importância nas análises, porque traz a possibilidade de inúmeras reflexões acerca dos usos qualitativos dos dados, pois são os resultados das pesquisas que vão permitir o surgimento do constructo teórico.

Desse modo, percebe-se a extrema importância do procedimento de coleta de dados dentro do campo da GT. É a partir desses dados que o pesquisador irá desenvolver os próximos passos de seu trabalho. De acordo com Martins e Theóphilo (2016), a GT deve ser desenvolvida ao longo de algumas etapas principais: coleta seletiva de dados, categorização dos dados e saturação teórica. Ou seja, após a análise dos dados coletados, o pesquisador decide os próximos passos da pesquisa, que podem levá-lo a novas coletas de dados, a novas comparações ou ao processo de construção e elaboração da teoria. Seguindo procedimentos não necessariamente lineares, o pesquisador pode retornar aos dados a qualquer momento de sua pesquisa, buscando novos insights e realizando procedimentos comparativos que permitam aprimorar seu constructo teórico (CAINELLI; THOMSON, 2020, p. 6).

A pura e simples reflexão sobre a coleta de dados levou às possibilidades de

se pensar em outras possibilidades durante a pesquisa, pois encontrando padrões de ideias, pudemos encontrar permanências nas narrativas desses educadores e educadoras, como nas conclusões das comentadoras da GT:

A primeira escola teórica, também conhecida como “clássica” tem origem com um dos pioneiros da GT: Barney Glaser. Ligado às tradições empiristas da Universidade de Columbia, onde teve sua formação, Glaser desenvolve em suas pesquisas traços considerados mais positivistas. Para esse pesquisador e para a corrente “clássica” da GT, os dados é que devem fornecer todos os aspectos a serem considerados na pesquisa. As categorias determinadas pela definição dos padrões de ideias emergem diretamente dos dados da pesquisa. O investigador assume um papel considerado neutro na análise e na interpretação e não interfere diretamente nos resultados a serem alcançados, visto que as conclusões da pesquisa refletem de forma prioritariamente objetiva a realidade observada. Nessa corrente, a pesquisa deve partir de um questionamento extremamente aberto e geral. Ou seja, “na visão de Glaser, deve-se abordar a área de investigação como uma pergunta de pesquisa muito aberta (what’s going on here – “o que está acontecendo aqui”)” (TAROZZI, 2011, p. 47).

Após as três fases de análise descritas no texto (coleta seletiva de dados, categorização dos dados e saturação teórica), é importante reforçar a necessidade de se construir o constructo teórico, conforme as autoras comentam:

Nessa vertente, a GT assume que o conhecimento se constrói por meio de uma integração recíproca entre investigador e sujeito participante da pesquisa (TAROZZI, 2011). Ou, seja, todas preveem a elaboração final de um constructo teórico a partir da análise de dados que extrapole o âmbito da análise descritiva (CAINELLI; THOMSON, 2020, p. 9-10).

A Teoria Fundamentada é importante nesse processo, pois favorece as análises feitas dentro da corrente de pesquisas da Educação Histórica:

Desse modo, as bases da GT favorecem as pesquisas em Educação Histórica, já que essas são constituídas a partir dos sujeitos realmente atuantes na educação. Os sujeitos e os contextos sociais pesquisados pela Educação Histórica representam realidades vivas, dinâmicas, maleáveis e, muitas vezes, até mesmo contraditórias. Como pesquisar uma escola e seu cotidiano, buscando justamente descortinar aquela “caixa preta” a partir de métodos enrijecidos que limitem o potencial criativo e sensibilizador do pesquisador? (CAINELLI; THOMSON, 2020, p. 11).

De certa forma, a metodologia levou-nos, a partir da primeira coleta de dados, à possibilidade de conhecer novos materiais sobre a transição e preparar o segundo questionário que fecha então as análises, pois a junção dos questionários do quinto

com o do sexto ano evidencia todos os aspectos que pudemos julgar importantes na transição entre os dois ciclos: do fundamental 1 e fundamental 2.

Não existe uma grande literatura sobre o tema da transição do 5º para o 6º ano, como se tem acerca do ensino infantil para o 1º ano, porém vamos destacar alguns trabalhos que consideramos importantes. Um estudo pioneiro na transição foi demonstrado por Sergio Antônio da Silva Leite (UNICAMP), em artigo publicado em 1993, intitulado: “A passagem para a quinta série: um projeto de intervenção” (LEITE, 1993)². No artigo, ele apresentou os dados da Delegacia de ensino de Caieiras-SP, analisando picos de reprovação na transição para o 1º ano e na transição para a quinta série (atual 6º ano). O autor analisa o repertório dos estudantes da quarta série, introduz programas de revisão e propõe a continuidade na quinta série, demonstrando progressos significativos nos estudantes, amenizando os efeitos do processo de transição.

Outro estudo relevante é a tese de doutorado de Clara Maria Almeida Rios, que foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, na linha de pesquisa “Família nas Ciências Sociais”, com o título de: “A Fase de transição do 5º para o 6º ano numa escola pública municipal de Salvador: dificuldades dos estudantes, contribuições familiares e apoio escolar”. Esse estudo utiliza a metodologia qualitativa descritiva, que centra sua atenção na fase de transição do 5º para o 6º ano de escolarização, tendo como foco as vozes dos estudantes acerca das suas dificuldades, contribuições familiares e apoio escolar.

Nessa fase de mudança de ciclo, no contexto de uma escola da rede pública municipal de ensino de Salvador, a grande questão levantada pela pesquisadora foi “como as práticas educativas familiares e escolares estão associadas ao processo de adaptação e desempenho escolar de estudantes na fase de transição do 5º para o 6º

² “Neste sentido, a alternativa que se coloca, e este projeto corrobora, é a do fortalecimento da unidade escolar, possibilitando a melhoria das condições de trabalho dos profissionais envolvidos e facilitando novas formas de organização docente, como condição para o planejamento e desenvolvimento do projeto da escola. Com isto, resgata-se a ideia de que a educação é um processo fundamentalmente coletivo e, como tal, deve ser planejada, construída e continuamente avaliada por todos os profissionais que atuam afetivamente no contexto escolar. Entende-se que este é um caminho efetivo para a construção da escola pública eficiente e democrática” (LEITE, 1993, p. 42).

ano?" (RIOS, 2020, p. 9). Esta questão se desdobra, dentro do trabalho, em alguns objetivos:

- a) compreender como se processam as relações interpessoais entre famílias, estudantes e professores nesta fase de transição escolar;
- b) identificar quais as dificuldades dos estudantes e quais as ações familiares e escolares que interferem e favorecem o processo de adaptação e desempenho escolar desses estudantes;
- c) analisar as concepções e percepções dos estudantes acerca das suas dificuldades e quais as contribuições da família e da instituição escolar nessa fase;
- d) conhecer as concepções, percepções e ações da diretora, da coordenadora pedagógica e dos professores em relação ao processo de adaptação, ensino e aprendizagem de estudantes nessa fase de transição;
- e) construir conhecimentos e sinalizar possíveis pistas de ações familiares e escolares para favorecer a adaptação e o bom desempenho escolar de estudantes nesse momento específico de escolarização.

A pesquisa demonstrou experiências vivenciadas pelos estudantes na fase de transição do 5º para o 6º ano em relação às práticas educativas familiares e às práticas escolares. A pesquisa teve 32 participantes, compreendendo 10 estudantes do 6º ano, 10 pais/responsáveis, 10 professores, 01 Coordenadora Pedagógica e 01 Diretora. Como instrumentos de pesquisa, foram utilizadas observações *in loco* e entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados focaliza quatro grupos: os estudantes, os pais/responsáveis pelos estudantes, os professores e a equipe gestora. Os principais resultados foram: perceber que os estudantes sentem dificuldades durante o processo de transição escolar, apesar de contar com o apoio familiar e escolar. O estudo contribuiu para uma melhor interpretação e compreensão acerca da fase de transição e sugeriu procedimentos e ações familiares e escolares capazes de facilitar o processo de adaptação e o bom desempenho dos estudantes durante a transição.³

Outro trabalho interessante foi o de Edson Rosa Almeida, em sua dissertação de mestrado entregue ao programa de Mestrado em Educação: Processos de Ensino, Gestão e Inovação, da Universidade de Araraquara (Uniara), intitulada: A relação da

³ Este estudo produziu um material interessante, deixando indicadores para a secretária municipal de educação, para a escola, formação continuada, para os professores do 6º ano, para os estudantes, para a família e para os demais colaboradores da escola.

escola com as famílias no acolhimento aos alunos que ingressam no 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Essa pesquisa teve como tema a transição escolar de alunos do Ciclo I para o Ciclo II do Ensino Fundamental e investigou a relação entre gestão escolar, coordenação do corpo docente e participação das famílias na vida escolar, de modo a favorecer o acolhimento e a integração dos alunos à nova etapa de ensino fundamental. O trabalho levou a algumas conclusões, a primeira é que o acolhimento de professores e de toda equipe escolar facilita muito a integração dos estudantes no novo ambiente; os pais deixam claro que há um distanciamento entre a instituição escolar e o cotidiano familiar; os professores desenvolvem atividades de integração dos alunos à escola; observou-se a não articulação na transição devido à postura da equipe gestora, que não privilegia a formação e a articulação da equipe escolar (ALMEIDA, 2017).

A Tese de doutorado produzida por Cynthia Cassoni, intitulada “Transição escolar das crianças do 5º para o 6º ano do ensino fundamental”, defendida nos programas da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, e na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, teve como objetivo analisar o impacto no desempenho dos estudantes, sintomas de estresse, habilidades sociais, autoconceito e satisfação da vida, levando em consideração o ambiente familiar (monitoramento parental e escolaridade materna), ambiente escolar (escore IDEB, tamanho da escola e local da escola) e a natureza da transição (com ou sem mudança escolar). A pesquisadora utilizou vários instrumentos de análise como a Prova Brasil; Escala de estresse infantil (ESI); Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS); Questionário para avaliação de autoconceito (SDQ1); Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças (EMSV-C) e Questionário de Monitoramento Parental (QMP). Ela concluiu que em sua pesquisa que as “crianças se sentem tanto melhor na transição quanto mais se percebiam apoiadas por pessoas significativas no seu entorno. A transição pode ser percebida como um recomeço, uma oportunidade que as crianças têm de reescreverem sua própria história” (CASSONI, 2017).

Dessa forma, sendo trabalho mais específico da disciplina, cabe ainda destacar outros dois trabalhos mais abrangentes, como o artigo “Transição do 5º Para o 6º Ano no Ensino Fundamental: Processo educacional de reflexão e Debate”, de Andreia Piza de Paula, Fabiane Caetano Praci, Geslaine Galdino Santos, Soeli de Jesus Pereira e

Maria Cristina Elias Esper Stival, onde se destaca:

Com o começo do sexto ano ou transição para ensino fundamental anos finais, os estudantes irão conhecer novos colegas e professores que serão todos regentes de suas disciplinas, mudar de escola, de ambiente, de sala, enfim, serão muitas as mudanças. Acreditamos que um dos maiores problemas para os alunos nessa fase é a disposição necessária para lidar com a ampliação do número de professores e da grade curricular, das lições de casa, trabalhos, provas e com a ampliação da quantidade de matérias a serem estudadas. Neste momento da transição, verificamos que os estudantes não estão muito preparados para essas modificações e que os professores e as instituições também não estão prontos para fazer a transição e também para receber esses alunos. No 6º ano surgem muitas novidades e cobranças para os estudantes, em um período bastante turbulento que é visto sem muito tato pedagógico por parte dos professores e da escola. Também a falta de vínculo afetivo entre professor/aluno é outro assunto aparente no cotidiano escolar no 6º ano, onde o aluno se descobre em um novo momento e ambiente e precisa adaptar-se (PAULA, 2018, p. 48).

Por fim, a dissertação de Mariza Andrade, intitulada “Investigação sobre a transição dos alunos do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental 2”.

Este trabalho teve como objetivo analisar os processos de transição do 5º para o 6º anos no ensino fundamental da rede pública do Estado do Paraná com ênfase no componente curricular de história. A metodologia ligada à teoria fundamentada será apresentada mostrando as ferramentas para as análises dos questionários. No primeiro capítulo, tratamos sobre Currículo, dialogando com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Currículo do Estado do Paraná (CREP) e a Diretriz Curricular (DC) de Londrina. Assim, discutimos suas proximidades e afastamentos, ou seja, de não terem sido pensados levando em conta a transição do 5º para o 6º ano. No segundo capítulo, analisamos o material do “Educa Juntos”, um documento que demonstra como o Estado do Paraná vem pensando a transição escolar, logo após pensamos o sistema de ensino de Londrina e suas especificidades através de dados fornecidos pela SEED e pela Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No terceiro capítulo, após o diálogo sobre a Educação Histórica enquanto campo teórico que orienta as ações no ensino de história, sua importância e relevância, apresentamos os documentos orientadores do currículo em nível estadual e municipal, bem como os questionários que dão voz a nossos educadores, abordando suas visões, conhecimentos e proposições, que entendemos como narrativas sobre a

transição e como desenvolvem este processo. E, por último, minhas considerações finais, que sintetizam e avançam as análises feitas sobre o processo de transição.

2 CURRÍCULO: BNCC, CREP, DC E O PROGRAMA EDUCA JUNTOS

2.1 CURRÍCULO: BNCC, CREP E DC

Para Analisar o currículo das escolas públicas de Londrina que oferecem o Ensino Fundamental I, é necessário olhar para uma tríade: 1) A BNCC, que é um documento orientador que garante um parâmetro para todas as escola públicas do país, trazendo as unidades temáticas, os objetivos do conhecimento e as habilidades a serem trabalhadas; 2) o CREP⁴, o currículo da rede estadual paranaense, que aprofunda e traz as particularidades do Paraná para o ensino de história, e as unidades temáticas; 3) a DC, a diretriz curricular do município de Londrina, que traz as especificidades do ensino de história para a cidade de Londrina. Os documentos trazem uma série de nomenclaturas que dialogam entre si, como vamos brevemente analisar.

A BNCC traz consigo um conjunto de sugestões de conteúdos para o ensino de história que se encontra mais próximo do que deve ser trabalhado no 6° ano. Já nos anos finais, a própria BNCC traz consigo uma expressão preocupante: “o uso de uma forma de registro de memória, a cronológica, constituída por meio de uma seleção de eventos históricos consolidados na cultura historiográfica contemporânea”. Essa expressão chama atenção, pois apresenta os eventos de modo totalmente eurocêntricos⁵, o que consideramos necessária de uma enorme revisão para que tenhamos um conteúdo descolonizado. A BNCC também traz algumas competências específicas de história para o ensino fundamental:

1) Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

2) Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como

⁵ ANEXO VII - BNCC 6° ano, foco da nossa pesquisa.

problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

3) Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

4) Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

5) Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

6) Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

7) Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais (BRASIL, 2018, s/p).

Quando analisamos o CREP, percebemos que todas essas competências são transformadas em objetivos de aprendizagem⁶, engessando toda a proposta, já que a escolha do material didático foi única em todo o Estado. Sem apresentar claramente a proposta, a Seed publicou que o resultado da consulta para a seleção dos materiais didáticos tinha sido o livro de Alfredo Boulos Junior, que sempre esteve no PNLD, mas que, desde a implantação do CREP, tornou-se o único livro. Sobre essa relação entre BNCC e CREP, Ana Celia Choldys Felippi destaca:

Dessa forma, compreendemos que conteúdos e metodologia se fundem e, para além, no CREP, assim como na BNCC, as “habilidades” (já apresentadas como os “Objetivos de Aprendizagem”) articulam os “Objetos de Conhecimento” e as “Orientações de Conteúdos”, ou seja, os conteúdos a serem trabalhados estão

⁶ É importante destacar o estudo de Ana Celia Choldys Felippi, ela analisa o contexto de criação dos documentos BNCC e CREP, e em sua análise há um esvaziamento do pensamento crítico desses documentos através dessa discussão sobre Habilidades/objetivos de aprendizagem: Dessa forma, julgamos que o fato de “identificar” apresentar-se como objetivo prioritário, representa que o currículo em questão atende às finalidades sociopolíticas do contexto no qual foi desenvolvido e, ainda, às finalidades de ordem psicológica, já que não propõe o desenvolvimento de postura/pensamento crítico (diretamente ligado à formação da cidadania) e, tampouco, de noções de tempo e espaço/percepção temporal. Tal julgamento se deve ao fato, conforme apresentado, de tanto a BNCC como o CREP terem sido concebidos e elaborados em processos bastante contraditórios, marcados pela ausência de participação democrática, atendendo aos interesses de determinados grupos (especialmente políticos e religiosos) e, ainda, apontarem para uma expectativa de não superação das desigualdades sociais, ou seja, quanto menos crítico o indivíduo for após sua escolarização, menor será a chance de que este questione a realidade posta.

intrinsecamente relacionados às habilidades que se pretende desenvolver nos estudantes (seguindo, conforme abordaremos na próxima seção, a metodologia presente no documento) e não necessariamente às possíveis indagações que podem surgir durante a aula. Prova disso é o fato de, inclusive, os conteúdos, além de listados, já terem a orientação de qual período letivo (trimestre) devem ser trabalhados. Sobre tal orientação, ao observar quais os conteúdos a serem ensinados, o CREP de História do Ensino Fundamental - Anos Finais pode ser assim apresentado, série a série (PARANÁ, 2021, s/p).

O nosso terceiro e último documento é a DC de Londrina, escrito pela historiadora e técnica pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Londrina, Eliane Aparecida Candotti (2016). Ela segue toda a formulação do CREP, ou seja, não muda em nada as orientações da relação entre BNCC e CREP, mas articula aspectos específicos do ensino de história para a cidade de Londrina. O documento tem início com um histórico do ensino de História no Brasil, pressupostos teóricos que trataremos mais adiante, com a relação entre CREP, DC e a “Educação Histórica”, metodologias que acreditamos ser um ponto fundamental, pois colocam a prática investigativa (unindo Ludicidade, Oralidade e Corporeidade) e a Educação Patrimonial (Material e Imaterial) como encaminhamentos metodológicos importantes para o Ensino de História no ensino fundamental. A avaliação no último tópico traz claramente a ideia de que se deve propor avaliações reflexivas ao invés de práticas de memorização que nada acrescentam ao desenvolvimento da consciência história.

Acredito que um ponto importante a se destacar é a forte presença da “Educação Histórica”, tanto no CREP quanto na DC de Londrina. No CREP, a citação à corrente de estudos é clara e objetiva:

Portanto, no caminho proposto pela Educação Histórica, para se construir uma aprendizagem reflexiva e significativa, os instrumentos de avaliação devem se amparar no uso de fontes históricas e na organização das narrativas dos(as) estudantes que resultam da constituição do sentido da experiência do tempo deles(as): “(...) A narrativa histórica torna presente o passado, sempre em uma consciência de tempo na qual o passado, presente e futuro formam uma unidade integrada, mediante a qual, justamente, constitui-se a consciência histórica (RÜSEN, 2001, p. 66-67).

No CREP, ainda, encontramos os conceitos de Literacia histórica, Aprendizagem Histórica (na perspectiva da educação histórica), Consciência Histórica, além dos autores Lee, Rusen e das autoras, Barca, Cainelli e Schmidt. Na DC de Londrina, não encontramos a citação explícita da Educação Histórica, mas os

mesmos autores aparecem no texto, corroborando com a forte influência que as Universidades e o seu papel na formação dos professores tiveram na construção dos Documentos. Dentre as universidades, citamos a Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Federal do Paraná, Campus de Curitiba, que possuem grupos de pesquisa em “ensino de história e educação histórica”.

Existe, nesses documentos, um alinhamento teórico muito grande, pois a BNCC dialoga com CREP no que diz respeito às habilidades/competências/objetivos de Aprendizagem. O CREP conseqüentemente dialoga com a DC (Diretriz Curricular), pelo currículo equivalente e pela proposta teórica ligada à Educação Histórica. Acreditamos que, de alguma forma, há algumas incompatibilidades, pois se estamos pensando no desenvolvimento da consciência histórica, a ênfase em habilidades/competências/objetivos e avaliações externas engessam as aulas e as práticas dos professores, uma vez que se o educador ou a educadora buscam outro caminho, por hora, vão se arriscar em um caminho que, na expectativa externa, não terá o mesmo sucesso, mesmo que os educandos realmente se apropriem dos conceitos históricos.

Quando nos debruçamos sobre a transição do 5º para o 6ºano, notamos que ambos, BNCC e CREP, orientam esse processo. Esses documentos norteiam o *como* (metodologias), e o *que* (componentes/habilidades/competências/objetivos de aprendizagem) deve ser trabalhado. Contudo, esses documentos não proporcionam uma articulação efetiva entre os anos iniciais e os finais. O 6º ano começa um novo curso cronológico pautado no colonialismo, que enaltece a história ocidental ligada à Europa e aos Estados Unidos a partir do século XX.

2.2 PROGRAMA EDUCA JUNTOS E O MANUAL DE TRANSIÇÃO

No Brasil, a LDBEN (1996) definiu a separação entre o ensino fundamental I e II, deixando o primeiro ciclo sob a tutela dos municípios, e o segundo ciclo com os Estados⁷. Nos anos 1990, começou-se o processo que levou à quase completa

⁷ [...] VI - assegurar o ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o ensino médio a todos que o demandarem, respeitado o disposto no art. 38 desta Lei; Art. 11. Os Municípios incumbir-se-ão de: [...] V - Oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, [...] (BRASIL, 1996).

separação das ofertas nos anos iniciais do ensino fundamental e a responsabilização do estado pela oferta do ensino fundamental nos anos finais. O estado do Paraná tem os maiores índices de separação do Brasil, como mostra a figura abaixo:

Figura 1 – Número de matrículas do ensino fundamental, por dependência administrativa estadual/municipal e percentual de matrículas municipalizadas em cada fase, segundo cada Estado em 2020.

Nº	ESTADO	MATRICULAS ANOS INICIAIS E. F.				MATRICULAS ANOS FINAIS E. F.			
		ESTADUAL	MUNICIPAL	TOTAL A. I.	% A. I. MUN	ESTADUAL	MUNICIPAL	TOTAL A. F.	% A. F. MUN
1	Acre	35158	48593	83751	58,00%	56330	9251	65581	14,10%
2	Alagoas	9388	193438	202826	95,40%	40226	139952	180178	77,70%
3	Amapá	24450	47036	71486	65,80%	48105	2842	50947	5,60%
4	Amazonas	82428	287903	370331	77,70%	136911	142855	279766	51,10%
5	Bahia	2827	843340	846167	99,70%	125724	637614	763338	83,50%
6	Ceará	3176	477099	480275	99,30%	12335	433346	445681	97,20%
7	Espírito Santo	26486	217626	244112	89,20%	75121	118486	193607	61,20%
8	Goiás	7905	369639	377544	97,90%	234602	93803	328405	28,60%
9	Maranhão	5841	526581	532422	98,90%	19128	447648	466776	95,90%
10	Mato Grosso	63974	168318	232292	72,50%	134784	53835	188619	28,50%
11	Mato G. do Sul	27469	166708	194177	85,90%	81035	67974	149009	45,60%
12	Minas Gerais	330388	788567	1118955	70,50%	708054	310372	1018426	30,50%
13	Pará	48314	665145	713459	93,20%	123996	427300	551296	77,50%
14	Paraíba	19417	204698	224115	91,30%	60042	140437	200479	70,10%
15	Paraná	3237	645950	649187	99,50%	543567	7049	550616	1,30%
16	Pernambuco	7581	500930	508511	98,50%	138804	310245	449049	69,10%
17	Piauí	1964	213828	215792	99,10%	32062	146566	178628	82,10%
18	Rio de Janeiro	1482	751503	752985	99,80%	164104	442007	606111	72,90%
19	Rio G. do Norte	31710	157627	189337	83,30%	56463	106831	163294	65,40%
20	Rio G. do Sul	212603	391278	603881	64,80%	231921	259777	491698	52,80%
21	Rondônia	16874	101595	118469	85,80%	92433	16650	109083	15,30%
22	Roraima	7911	47198	55109	85,60%	39678	1758	41436	4,20%
23	Santa Catarina	112155	299614	411769	72,80%	179776	168282	348058	48,30%
24	São Paulo	624834	1756247	2381081	73,80%	1366478	545634	1912112	28,50%
25	Sergipe	24839	106187	131026	81,00%	44533	71821	116354	61,70%
26	Tocantins	9313	101887	111200	91,60%	73329	29343	102672	28,60%
	TOTAL	1741724	10078535	11820259	85,30%	4819541	5131678	9951219	51,60%

Fonte: Autores, com base na sinopse estatística da educação básica do Inep – aba 1.14 (BRASIL, 2020b).

A partir desses dados, verificamos a maior distorção entre idade e série do Ensino Fundamental I e II, entre os 5º e 6º anos, como demonstramos abaixo:

Figura 2 - Distorção idade/série.

ANO	REDE	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano
2020	Estadual						2,3	2,6	2,6	2,5
	Municipal	0,6	1,7	1,5	0,8	0,7				
2019	Estadual						7,2	8,0	8,8	6,5
	Municipal	1,6	6,2	7,6	3,7	1,4				
2018	Estadual						11,0	12,3	12,3	10,2
	Municipal	2,0	7,1	9,5	5,1	2,1				
2017	Estadual						11,4	13,0	12,9	10,5
	Municipal	1,7	7,1	10,0	4,6	2,2				
2016	Estadual						12,3	14,3	14,0	12,0
	Municipal	1,9	7,6	10,3	5,4	2,4				
2015	Estadual						10,8	12,1	11,9	10,8
	Municipal	1,8	7,1	9,4	4,5	2,3				
2014	Estadual						12,5	14,7	15,3	12,3
	Municipal	1,9	7,5	10,4	5,6	3,0				
2013	Estadual						13,3	15,5	14,0	11,7
	Municipal	1,8	7,7	10,7	5,0	3,4				
2012	Estadual						15,8	15,1	14,4	12,5
	Municipal	2,0	8,8	10,9	5,7	3,4				
2011	Estadual						15,2	15,2	14,5	11,9
	Municipal	1,8	9,5	10,2	5,1	3,6				

Fonte: Educa Juntos (2021).

Para tentar minimizar os efeitos nocivos dessa transição, em 2019 a SEED criou o Núcleo de cooperação com os Municípios⁸, e, em 2020, instituiu o Programa Educa Juntos⁹, com o claro propósito de estabelecer conexões entre o estado e os

⁸ [...], em 2019 [...] o Núcleo de Cooperação Pedagógica com Municípios – NCPM, vinculado à Diretoria de Educação – Deduc/Seed, com o objetivo de fortalecer o regime de colaboração na educação entre Estado e Municípios, por meio de iniciativas que contribuam para a melhoria da qualidade da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. p.17-18

⁹ E Já em 2020 criou o com a publicação do Decreto Estadual n.º 5.857 de 05 de outubro de 2020 O Programa Educa Juntos, tendo como objetivos do programa:

I- Promover educação de qualidade para os estudantes da rede pública por meio de ações conjuntas com os Municípios;

II- Fortalecer o regime de colaboração entre Estado e Municípios para superar a fragmentação das políticas públicas educacionais com vistas ao pleno desenvolvimento da oferta de educação de qualidade;

III- priorizar a melhoria da aprendizagem dos estudantes matriculados na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental da rede pública de ensino, propondo práticas pedagógicas que assegurem aos estudantes um percurso contínuo ao longo de todas as etapas da Educação Básica;

IV- Promover medidas que assegurem integração das etapas da Educação Básica para evitar a ruptura no processo educacional do estudante, garantindo-lhe a autonomia e o desenvolvimento integral;

V - Ofertar formação continuada aos profissionais de educação das redes municipais de ensino, como processo permanente e constante de aperfeiçoamento da prática pedagógica, de forma a assegurar ensino de qualidade aos estudantes da rede pública;

municípios na transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental.

Dentre as metas do programa, está o material, já citado, “Transição do 5º para o 6º do ensino fundamental: aspectos pedagógicos”. Dentre os vários artigos do material, destaca-se, primeiro, que faz um diagnóstico da situação e os dois últimos que trazem possíveis ações para minimizar os efeitos da transição. Esses últimos são frutos do curso “Prova Paraná: Diagnóstico, Gestão dos Resultados e Ações”, que o curso foi organizado em 4 módulos, sendo que três¹⁰ tiveram como tema a transição. Esses módulos deram origem a três quadros muito importantes: 1) Ações com os 5º anos do Ensino Fundamental; 2) Ações com os 6º anos do Ensino Fundamental; e 3) Ações articuladas entre 5º e 6º anos do Ensino Fundamental, que apresentamos abaixo:

Quadro 1 - Ações com os 5º anos do Ensino Fundamental

Ação	Objetivo	Descrição e acompanhamentos	Período indicado
Orientação ao estudante.	Fazer com que os estudantes compreendam seu desenvolvimento e as mudanças que serão enfrentadas por ele durante o processo de transição.	Nesta ação, é importante que o estudante seja orientado com relação às mudanças a serem enfrentadas por ele em todas as áreas (biológica, cognitiva, social e psicológica). Antes de iniciar o processo de orientação, a equipe pedagógica, juntamente com o professor, pode aplicar instrumentos para o levantamento de dados que indiquem suas dúvidas e	Ao longo do ano letivo.

VI – Disponibilizar material de apoio pedagógico impresso a partir de 2021 e o Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEP para as redes municipais de ensino;

VII- compartilhar práticas inovadoras e estratégias relacionadas à gestão da educação com as redes municipais de ensino;

VIII - promover ações de reconhecimento para as redes municipais de ensino com os maiores resultados e maiores incrementos na aprendizagem dos seus estudantes.

Uma primeira situação bastante evidente é a diferença entre a formação inicial dos professores que atuam nestas fases. Enquanto nos Anos Iniciais, a formação de grande parte dos profissionais é oriunda dos cursos de pedagogia, nos Anos Finais os docentes são formados ou licenciados para um componente curricular específico, ou uma determinada área de atuação.p.45

¹⁰ As atividades foram organizadas por meio de fóruns de discussão que objetivavam: a) analisar a minuta do documento que se transformou, posteriormente na Orientação nº 01/2021 Deduc/Seed49; b) levantar as dificuldades enfrentadas pelos gestores municipais no desenvolvimento de ações relativas ao processo de transição, sejam elas individuais ou articuladas à Rede Estadual de Ensino; e c) relatar e trocar experiências de ações referentes ao processo de transição que são desenvolvidas com êxito nos municípios. idem p.157

		<p>expectativas com relação ao futuro, sua relação com o conhecimento escolar e com a escola, sua convivência familiar, as situações de violência vivenciada, sua visão sobre bullying, preconceito, entre outras possibilidades.</p> <p>Após o levantamento, pode ser montada uma pauta com temáticas a serem desenvolvidas com a turma ao longo do ano, assim como orientações individuais, conforme a necessidade de cada estudante.</p>	
<p>Organização do processo de avaliação da aprendizagem.</p>	<p>Possibilitar que o estudante experimente o contato e a realização de diferentes instrumentos de avaliação.</p>	<p>Prever, no Plano de Trabalho Docente, a utilização de diferentes instrumentos de avaliação como, por exemplo, escrita e apresentação de trabalhos individuais e coletivos, produção de recursos audiovisuais, escrita com questões variadas, como descritiva, somativa, de múltipla escolha, de marcar verdadeiro ou falso, de relacionar colunas, com cartão resposta e gabarito, entre outras possibilidades.</p> <p>É importante ressaltar que a escolha do instrumento e das questões e atividades a ele relacionadas devem ser sempre organizadas em função dos critérios a serem utilizados no processo avaliativo e definidos no Plano de Trabalho Docente.</p> <p>Os estudantes precisam estar cientes dos critérios a serem avaliados antes da aplicação dos instrumentos.</p> <p>Repassar um cronograma de avaliações, apresentação e entrega de trabalhos, assim como os critérios e conteúdos a serem cobrados em cada momento avaliativo para que os estudantes possam se organizar quanto aos momentos de estudo, realização de pesquisas, entregas de materiais e atividades.</p> <p>Ter um calendário em sala de aula, com tamanho adequado para fácil visualização, com espaço para anotação das atividades e compromissos que estão marcados, retomando no</p>	<p>Dias de estudo e planejamento do início do ano letivo.</p>

		<p>início de cada semana os principais compromissos e prazos que devem ser observados.</p> <p>É imprescindível que haja uma devolutiva sobre o desempenho dos estudantes, com apontamentos do que é necessário melhorar, assim como o estímulo sobre os aspectos positivos demonstrados no processo.</p>	
<p>Organização de aulas com horário semanal.</p>	<p>Promover a autonomia do estudante na organização do tempo para a realização das atividades, assim como nos materiais escolares que serão utilizados.</p>	<p>Organizar o tempo de trabalho com os componentes curriculares, repassando o quadro de horário de aulas semanal para os estudantes, conforme a oferta de componentes e tempo de aula da escola.</p> <p>É necessário que os horários e componentes curriculares estipulados sejam respeitados. Esta organização não é inflexível nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, porém é importante que não haja mudanças frequentes para que se estabeleça uma rotina de organização.</p> <p>Outra questão que pode ser trabalhada com delimitação do tempo de aula de um determinado componente, é a necessidade de que o aluno desenvolva agilidade no processo de escrita e na realização das atividades. Ele precisa aprender a se organizar em um tempo pré-determinado, pois não há como fazer alterações das aulas, assim como permitir um tempo maior para a realização das atividades e avaliações nos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, devido suas características e os diferentes docentes responsáveis pelo trabalho com os componentes curriculares que compõem o currículo.</p> <p>Esta ação permite que o estudante crie o hábito de consultar o quadro de horário para separar os materiais escolares necessários para o dia seguinte, assim como realizar as atividades e trabalhos a serem entregues.</p> <p>É importante ressaltar que os estudantes precisam ser frequentemente orientados sobre</p>	<p>Início do ano letivo.</p> <p>Quando necessário.</p>

		<p>quais procedimentos precisam ser realizados até que ele crie o hábito e passe a se organizar autonomamente. Por este motivo, é essencial que os responsáveis verifiquem se a criança está se organizando corretamente e a oriente caso seja necessário. Este trabalho deve ser realizado juntamente com os responsáveis. O que cobrar e como orientar o estudante deve ser acordado na reunião do início do ano letivo.</p>	
Mural de informações.	Desenvolver no estudante o hábito de procurar por si as informações que necessita para se organizar, assim como se inteirar sobre assuntos importantes.	<p>Disponibilizar um espaço na parede da sala de aula para a utilização de um mural com recados, informações, calendário e bilhetes encaminhados pela escola. Poderão ser disponibilizadas diferentes formatações de <i>planners</i>⁵¹ (diário, semanal ou mensal, controle de hábitos, objetivos da turma) para anotação de cada tipo de informação (tarefas de casa, avaliações, entrega de trabalho, atividades diferenciadas, entre outras). Estimular a consulta às informações nele presentes, orientando os estudantes a anotarem as informações em suas agendas pessoais.</p>	Ao longo do ano letivo.
Utilização da agenda pessoal.	Fomentar a utilização da agenda pessoal na organização e planejamento de ações referentes à escola.	<p>Orientar como fazer observações e anotações de entregas de trabalho, dias de atividades avaliativas e datas importantes. Estimular que durante o final de semana o estudante analise as observações e anotações registradas, para verificar possíveis pendências e planejar as atividades necessárias para saná-las. Esta também é uma ação importante de ser desenvolvida em parceria com os responsáveis. É essencial que seja acordado entre a família e a escola a forma de utilização da agenda pessoal. A ação também pode ser inserida como um dos elementos do quadro de controle de hábitos, conforme tabela apresentada no próximo tópico deste caderno.</p>	<p>No início do ano letivo, acompanhando as anotações de forma mais sistemática.</p> <p>Ao longo do ano para verificar a utilização da agenda pessoal.</p>

Uso de caneta.	Promover a familiaridade, assim como correta utilização da caneta nas atividades e registros escolares.	<p>Orientar os estudantes em que momentos os registros à caneta devem ser realizados.</p> <p>Explicar que as cores azul e preta são para registros gerais.</p> <p>Expor que as canetas coloridas devem ser utilizadas apenas para dar destaque ou diferenciar informações, como números e letras de atividades, ao sublinhar títulos, entre outras possibilidades.</p> <p>Demonstrar como utilizar o corretivo de forma correta, conforme sua especificidade (líquido, em fita, em caneta, entre outros).</p> <p>Indicar em que circunstâncias os estudantes devem utilizar o lápis de escrever.</p> <p>Possibilitar a realização de atividades avaliativas com caneta, já que essa será uma prática constante no 6º ano.</p> <p>Explicitar a importância do cuidado e zelo com seu material escolar, já que os docentes dos anos iniciais costumam ter materiais – como lápis, borracha, caneta, lápis de cor, cola – disponíveis para empréstimo aos estudantes.</p>	<p>Pode ser exigido o uso da caneta desde o início do ano letivo.</p> <p>No 2º semestre essa prática deve ser intensificada</p>
Reunião com responsáveis.	Conscientizar os responsáveis sobre os processos pedagógicos, de desenvolvimento e de acompanhamento dos estudantes em transição.	<p>Organizar uma reunião com os pais e responsáveis dos estudantes para orientá-los acerca dos procedimentos didáticos e avaliativos que serão utilizados durante o ano, assim como informá-los das ações em que suas atuações serão necessárias, como no caso da organização do material de acordo com o horário de aulas, a utilização da agenda pessoal, entre outros.</p> <p>É essencial que a pauta dessas reuniões seja organizada em parceria com a equipe pedagógica e direção da escola.</p> <p>Sugerimos como pauta, os seguintes itens:</p> <p>Objetivos do trabalho no ano letivo.</p> <p>Ações a serem desenvolvidas com relação ao processo de transição.</p> <p>Organização e procedimentos didáticos e metodológicos do</p>	<p>Início do ano letivo.</p> <p>Uma vez por bimestre/trimestre conforme organização da escola.</p> <p>Sempre que necessário.</p>

		<p>professor.</p> <p>Como acontecerá o processo de avaliação da aprendizagem.</p> <p>Ações que o professor espera colaboração dos responsáveis.</p> <p>Procedimentos e encaminhamentos quanto às atividades, utilização da agenda pessoal, materiais, entrega de trabalho, entre outros</p> <p>É importante ressaltar que os pontos de pauta devem ser retomados nas reuniões a serem realizadas posteriormente.</p> <p>É essencial que os aspectos individuais ou situações às particularidades de cada criança devem ser tratadas de forma individual e particular com seus responsáveis, a fim de evitar constrangimentos e exposição do estudante.</p>	
Projeto Político-Pedagógico.	Institucionalizar as ações relacionadas ao processo de transição, de forma que esta seja uma prática do coletivo da escola e não ações isoladas e de cunho individual.	Inserir no Projeto Político-Pedagógico da instituição de ensino a visão da escola em relação ao processo de transição, problematizando as situações adversas que são enfrentadas no cotidiano e a partir desse diagnóstico empírico, apresentar a justificativa, objetivos e proposições para o desenvolvimento de um trabalho com vistas a superar a ruptura existente entre Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental.	Contínuo. Durante o processo de discussão, avaliação e (re)organização das ações planejadas.
Inserção das informações de encaminhamento, atendimento e relatório de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes que apresentem dificuldade no processo de ensino-aprendizagem no Sistema Estadual de Registro Escolar – SERE.	Viabilizar o compartilhamento e o acesso dos encaminhamentos e atendimentos realizados, assim como o relatório de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes que apresentem dificuldade no processo de ensino-aprendizagem.	<p>O(a) Pedagogo(a) deve solicitar o acesso ao SERE, com a função “CONSULTA + PEDAGÓGICO”. Esta é a função que permite a alteração e inserção de informações no campo “Processo de Ensino- Aprendizagem”, disponibilizado na aba “Histórico de Matrículas” do cadastro do estudante.</p> <p>É essencial que as informações de encaminhamentos extraescolares⁵² e os atendimentos⁵³ que são realizados ao longo do ano letivo sejam inseridas no sistema.</p> <p>As informações do campo “Processo de Ensino- Aprendizagem” devem ser constantemente alimentadas, à medida em que os</p>	Ao longo do ano letivo, sempre que necessário.

		<p>encaminhamentos e atendimentos ocorram. Todos os dados podem ser alterados, inseridos ou excluídos a qualquer momento dentro do período de matrícula vigente.</p> <p>O campo deve ser utilizado como um instrumento da ação pedagógica na escola pois, além de possibilitar o registro dos atendimentos e encaminhamentos realizados de forma cumulativa, o sistema permite que o histórico dos registros seja consultado a qualquer tempo, já que as informações ficam armazenadas e vinculadas ao ano/série de cada matrícula do processo de escolarização do estudante.</p> <p>Elaborar, ao final do ano letivo, o “Relatório de Aprendizagem e Desenvolvimento” e inseri-lo no campo a ele destinado em “<i>Portable Document Format</i>” (PDF).</p> <p>Os Relatórios de Aprendizagem e Desenvolvimento⁵⁴ tem o intuito de possibilitar à equipe pedagógica e ao professor do ano subsequente, a identificação prévia dos estudantes que apresentaram dificuldades no processo de ensino-aprendizagem do ano anterior, assim como o atendimento às suas necessidades pedagógicas.</p> <p>É importante ressaltar que esse campo se destina aos estudantes que apresentam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, mas NÃO são público-alvo da Educação Especial.</p> <p>Os estudantes que possuem laudo e atendimento educacional especializado (AEE) seguem orientações próprias de acompanhamento.</p>	
Relatório “Ensino-Aprendizagem” no SERE.	Identificar os estudantes que tenham apresentado dificuldade no processo de ensino-aprendizagem no ano anterior.	O relatório para identificação dos estudantes que apresentaram dificuldade no processo de ensino-aprendizagem no ano anterior pode ser gerado do SERE seguindo o seguinte percurso: Realizar o <i>login</i> no Sistema, disponível no link: SERE - Sistema	Início do ano letivo. Durante a hora-atividade.

	<p>Apresentar e analisar as informações do campo “Processo de Ensino-Aprendizagem” do SERE com os professores dos diferentes componentes curriculares.</p>	<p>Estadual de Registro Escolar.</p> <p>Acessar o “Menu” disponível no canto superior esquerdo da tela. Ir com o cursor do <i>mouse</i> até o item “Relatórios”.</p> <p>Selecionar o item “Processo de Ensino- Aprendizagem”.</p> <p>A relação de alunos da escola pode ser obtida a partir das seguintes informações do campo “Processo de Ensino-Aprendizagem”:</p> <p>Dificuldades apresentadas no processo de ensino-aprendizagem . Encaminhamentos extraescolares. Atendimentos realizados com o estudante. Relatório geral.</p> <p>Essas informações podem ser geradas em dois formatos de arquivo: “<i>Portable Document Format</i>” (.pdf) ou “<i>OpenDocument Text</i>” (.odt). Sugerimos que seja utilizado o formato “<i>OpenDocument Text</i>” (.odt), pois o arquivo abre em forma de planilha e pode ser convertido na planilha do Excel ou do Google. Por ser editável, possibilita a aplicação de filtros para facilitar a análise das informações. Após a análise dos dados dos estudantes, é importante que a equipe pedagógica apresente as informações disponibilizadas aos professores e definam juntos os encaminhamentos, ações e atendimentos a serem realizados, considerando a realidade da escola e os recursos e estrutura disponíveis.</p>	
Alternância de professores.	Possibilitar que o estudante vivencie a rotatividade de professores.	Organizar o horário e a distribuição das funções de docentes para que cada professor fique responsável por um ou mais componentes curriculares. Nessa organização, se a escola tiver três turmas de 5º ano, os professores regentes ficam responsáveis, cada um, por um ou mais componentes curriculares, ministrando as aulas de seu(s) componente(s) nas três turmas,	No segundo trimestre.

		como por exemplo: Professor(a) da turma A – Língua Portuguesa nas turmas A, B e C; Professor da turma B – Matemática nas turmas A, B e C; Professor da turma C – História, Geografia e Ciências nas turmas A, B e C.	
--	--	---	--

Fonte: O autor (2023).

Todas essas ações permitem à escola ter um norte de preparação para a transição. É importante destacar que as ações são voltadas aos estudantes, às professoras(es), à instituição e à família. Já na escola do 5º ano, o estudante começa a viver, em partes, como serão os estudos no 6º ano. Nesse momento, terão orientações das mais básicas, como o uso da caneta, até os diferentes tipos de avaliações e atividades, grade de horários, agenda etc. Esse processo, se bem conduzido, pode ajudar na transição para o próximo ano. A equipe gestora e pedagógica deve pensar todas as questões organizacionais do processo educativo, como o Projeto Político Pedagógico, por exemplo, considerando a participação da comunidade escolar e da família dos estudantes. Para ajudar a organizar esse movimento, o sistema SERE possibilita os registros necessários das informações referentes ao processo de transição.

Quadro 2 - Ações com os 6º anos do Ensino Fundamental

Ação	Objetivo	Descrição e acompanhamentos	Período indicado
Lista de material escolar das turmas de 6º ano do Ensino Fundamenta	Recomendar os materiais mais indicados para utilização dos estudantes do 6º ano.	Grande parte dos estudantes oriundos dos Anos Iniciais têm seus materiais escolares organizados pelo(a) professor(a) regente. Ele é o responsável por regular sua utilização, assim como guardá-lo quando não são necessários. Por este motivo, é importante que a lista de material, assim como a orientação ao responsável por sua aquisição, a realidade vivenciada pelo estudante ao ser definida. É importante que os cadernos a serem utilizados sejam individuais	Ano letivo anterior.

		<p>(um para cada componente curricular) e, de preferência, do tipo brochura. Quem tem experiência no contato com os estudantes do 6º ano já testemunhou a quantidade de folhas arrancadas e desperdiçadas quando a encadernação é do tipo espiral, dada sua facilidade.</p> <p>Outra sugestão é utilizar cores de capas de caderno diferentes, designando uma cor para cada componente curricular, para facilitar a organização e seleção dos materiais do dia pelo estudante, como por exemplo:</p> <p>Preto – matemática; Azul – língua portuguesa; Vermelho – história; Verde – geografia; Amarelo – ciências.</p> <p>Cadernos de 10 matérias dificultam a organização, assim como podem acarretar o excesso de peso carregado pelos estudantes, já que alguns componentes têm uma quantidade maior de conteúdos e atividades, fazendo com que haja a necessidade da aquisição de novos cadernos, antes que todas as folhas referentes aos outros componentes sejam totalmente utilizadas.</p> <p>Os fichários e folhas soltas também não são indicados, já que é possível inserir e retirar as páginas com grande facilidade, podendo acarretar a perda de registros.</p> <p>Cola em bastão e corretivo em fita permitem uma maior agilidade do estudante, já que demandam um tempo menor para secagem.</p> <p>Lapiseiras que utilizam grafite menor que 0,7 mm não são indicadas por exigirem um controle maior na pressão aplicada no momento da escrita.</p> <p>Canetas esferográficas são mais recomendadas, sendo as de ponta porosa mais difíceis de manusear, devido às possibilidades de borrar a folha e serem mais complicadas</p>	
--	--	--	--

		de serem 'apagadas' com o corretivo líquido.	
Reunião com responsáveis.	Conscientizar os responsáveis sobre os processos pedagógicos, de desenvolvimento e de acompanhamento dos estudantes em transição.	<p>Organizar uma reunião com os pais e responsáveis dos estudantes para orientá-los acerca dos procedimentos didáticos e avaliativos que serão utilizados durante o ano, assim como informá-los das ações em que suas atuações serão necessárias, como no caso da organização do material de acordo com o horário de aulas, a utilização da agenda pessoal, entre outros.</p> <p>É essencial que além da equipe pedagógica, os professores de todos os componentes curriculares participem da reunião com os responsáveis, a fim de explicitarem sua metodologia de ensino.</p> <p>Sugerimos como pauta, os seguintes itens:</p> <p>Objetivos do trabalho no ano letivo. Ações a serem desenvolvidas com relação ao processo de adaptação dos estudantes na organização escolar dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Organização e procedimentos didáticos e metodológicos dos professores responsáveis por cada componente curricular. Como é o sistema de avaliação da escola (médias: aritmética, somativa, ponderada), número de avaliações, composição de notas (instrumentos e critérios), recuperação da aprendizagem e do rendimento (nota) Ações que o professor espera colaboração dos responsáveis. Procedimentos e encaminhamentos quanto às atividades, utilização da agenda pessoal, materiais, entrega de trabalho, entre outros.</p> <p>É importante ressaltar que os pontos de pauta e os acordos realizados devem ser retomados nas reuniões a serem realizadas posteriormente.</p>	<p>No início do ano letivo. Ao término de cada trimestre ou bimestre.</p> <p>Sempre que necessário</p>

		<p>É essencial que os aspectos individuais ou situações relacionadas às especificidades de cada criança devem ser tratadas de forma particular com seus responsáveis, a fim de evitar constrangimentos e exposição do estudante.</p>	
<p>Orientação ao estudante.</p>	<p>Fazer com que os estudantes compreendam seu desenvolvimento e as mudanças que serão enfrentadas por ele durante o processo de transição.</p>	<p>Nesta ação, é importante que o estudante seja orientado com relação às mudanças a serem enfrentadas por ele em todas as áreas (biológica, cognitiva, social e psicológica).</p> <p>Antes de iniciar o processo de orientação, a equipe pedagógica, juntamente com os professores, pode aplicar instrumentos para o levantamento de dados que indiquem suas dúvidas e expectativas com relação ao futuro, sua relação com o conhecimento escolar e com a escola, sua convivência familiar, as situações de violência vivenciada, sua visão sobre bullying, preconceito, entre outras possibilidades.</p> <p>Após o levantamento, pode ser montada uma pauta com temáticas a serem desenvolvidas com a turma ao longo do ano, assim como orientações individuais, conforme a necessidade de cada estudante.</p> <p>Uma possibilidade é envolver o grêmio estudantil em algumas ações, no sentido de ter uma conversa mais próxima com os estudantes do 6º ano.</p> <p>Podem também ser organizadas palestras com diferentes profissionais, como psicólogo, ginecologista, clínico geral, nutricionista entre outros, que podem ser dirigidas aos estudantes, aos responsáveis ou aos professores. Por ser uma fase marcada por diversas transformações, as orientações apresentadas ou assuntos discutidos nos debates podem contribuir para as relações do estudante consigo, com a escola e</p>	<p>Ao longo do ano letivo.</p>

		com seu núcleo familiar.	
Mural de informações.	Criar o hábito de o estudante procurar por si as informações que necessita para se organizar, assim como se inteirar sobre assuntos importantes.	Disponibilizar um espaço na parede da sala de aula para a utilização de um mural com recados, informações, calendário e bilhetes encaminhados pela escola. Poderão ser disponibilizadas diferentes formatações de <i>planners</i> ⁵⁶ (diário, semanal ou mensal, controle de hábitos, objetivos da turma) para anotação de cada tipo de informação (tarefas de casa, avaliações, entrega de trabalho, atividades diferenciadas, entre outras). Estimular a consulta às informações nele presentes, orientando os estudantes a anotarem e as consultarem em suas agendas pessoais.	Ao longo do ano letivo.
Utilização da agenda pessoal.	Fomentar a utilização da agenda pessoal na organização e planejamento de ações referentes à escola.	Orientar como fazer observações e anotações de entregas de trabalho, dias de atividades avaliativas e datas importantes. Estimular que, durante o final de semana, o estudante analise as observações e anotações registradas para verificar pendências e planeje as atividades necessárias para saná-las. Esta também é uma ação importante de ser desenvolvida em parceria com os responsáveis. É essencial que seja acordado entre a família e a escola a forma de utilização da agenda pessoal. A ação também pode ser inserida como um dos elementos do quadro de controle de hábitos, conforme tabela apresentada no próximo tópico deste caderno, no item 3, tópico 10.4.	No início do ano letivo, acompanhando as anotações de forma mais sistemática. Ao longo do ano para verificar a utilização da agenda pessoal.
Acolhimento dos estudantes	Conhecer a estrutura física da instituição de ensino. Se familiarizar com organização do tempo (horário de aulas, troca de professores, entrada,	No primeiro dia do ano letivo, é importante que os estudantes do 6º ano sejam recebidos e orientados com maior atenção por parte dos profissionais da escola. Equipe pedagógica, direção, auxiliares administrativos	No início do ano letivo.

	<p>intervalo, saída, entre outros).</p> <p>Possibilitar o estabelecimento de vínculo do estudante com a escola.</p>	<p>e serviços gerais podem colaborar para que eles não se sintam 'perdidos' frente à nova escola.</p> <p>O grêmio estudantil também pode ser designado para fazer a recepção aos novos estudantes.</p> <p>É essencial que no início do período de aula do primeiro dia, os estudantes recebam as orientações e informações referente à organização da escola, como horário de entrada, saída, início e término de cada aula, como funciona o intervalo, se há cantina comercial para a venda de lanches e bebidas, se existe oferta de lanche gratuito, funcionamento da biblioteca, laboratórios de ciência, informática, entre outros, sala de artes, atendimento realizado pela equipe pedagógica e secretaria, serviços de reprografia, materiais multimídia disponíveis para utilização, entre outros.</p> <p>Após essa explicação inicial, é importante que os estudantes sejam levados aos diferentes espaços da escola, como quadra poliesportiva, refeitório, salas da direção e da equipe pedagógica, banheiros, biblioteca, laboratórios, secretaria, entre outros.</p>	
Compreensão das diferentes funções exercidas pelos profissionais da escola.	Conhecer as funções desempenhadas pelos profissionais que atuam na escola.	<p>É primordial que o estudante conheça os profissionais e que tipo de função cada um desempenha na instituição.</p> <p>Isso permite que o estudante saiba a quem recorrer caso necessite de algo ou enfrente alguma situação adversa durante sua permanência na escola.</p>	No início do ano letivo.
Horários diferenciados.	Oportunizar a adaptação à entrada e saída de aulas e intervalo com um menor número de estudantes em circulação.	<p>É importante que os estudantes desenvolvam a habilidade de transitar com mais segurança dentro da escola.</p> <p>A organização da saída antecipada para o intervalo/recreio, permitindo que os estudantes dos 6º anos saiam 5 minutos antes das outras turmas, possibilita que entendam o funcionamento de pedidos na cantina comercial, ou como</p>	Primeira quinzena ou mês do ano letivo.

		<p>receber o lanche gratuito ofertado pela escola.</p> <p>A saída da escola por escalonamento de turmas (começando pelas turmas dos 6º anos) facilita a identificação dos responsáveis ou do transporte escolar utilizado, pois o número menor de estudantes transitando evita a aglomeração de pessoas e o enfrentamento de situações que possam desencadear insegurança, ansiedade ou equívocos.</p>	
Horário semanal	Possibilitar um maior tempo de aula dos componentes curriculares.	<p>Organizar o horário semanal de forma que haja o maior número possível de aulas geminadas. Isso auxilia o estudante no desenvolvimento da agilidade e a se adaptar melhor às trocas de aulas.</p> <p>Evitar as mudanças no horário semanal de aulas, como o intuito de se estabelecer uma rotina para estudo, organização do material e realização das atividades de casa e de trabalhos.</p>	Ao longo do ano letivo.
Fortalecimento do vínculo entre professores e estudantes.	Possibilitar o contato entre professores e estudantes para além da sala de aula e do trabalho docente.	<p>Organizar momentos em que os docentes convivam com os estudantes em situações diferentes das vivenciadas em sala de aula, como:</p> <p>Campeonatos; Gincanas; intervalo/recreio; atividades extracurriculares e de lazer.</p>	<p>Durante o primeiro e/ou trimestre.</p> <p>Ao longo do ano letivo.</p>
Professor titular.	Promover ações para a designação de professores titulares das turmas de 6º anos.	<p>O professor titular consiste no professor de referência para os estudantes da turma.</p> <p>A atribuição de titular pode ser realizada de diferentes formas, como indicação da equipe pedagógica, considerando a afinidade e perfil do professor com a turma, por sorteio e por processo de consulta.</p> <p>É importante ressaltar que realizar um processo de consulta com os estudantes para a nomeação do professor titular é mais coerente com os princípios da gestão</p>	Ao longo do ano letivo.

		<p>democrática e da razão pública.</p> <p>Neste caso, é essencial que os estudantes sejam orientados quanto aos critérios que devem ser considerados ao definir sua escolha. Isso porque há uma propensão que os professores titulares sejam selecionados conforme sua popularidade e a afinidade que possui com a turma, do que na análise do seu perfil para desempenho da função.</p>	
<p>Inserção das informações de encaminhamento, atendimento e relatório de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes que apresentam dificuldade no processo de ensino-aprendizagem no Sistema Estadual de Registro Escolar - SERE</p>	<p>Viabilizar o compartilhamento e o acesso dos encaminhamentos e atendimentos realizados, assim como o relatório de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes que apresentem dificuldade no processo de ensino-aprendizagem.</p>	<p>O(a) Pedagogo(a) deve solicitar o acesso ao SERE, com a função "CONSULTA + PEDAGÓGICO". Esta é a função que permite a alteração e inserção de informações no campo "Processo de Ensino-Aprendizagem", disponibilizado na aba "Histórico de Matrículas" do cadastro do estudante.</p> <p>É essencial que as informações de encaminhamentos extraescolares⁵⁷ e os atendimentos⁵⁸ que são realizados ao longo do ano letivo sejam inseridos no sistema.</p> <p>As informações do campo "Processo de Ensino-Aprendizagem" devem ser constantemente alimentadas, à medida em que os encaminhamentos e atendimentos ocorram. Todos os dados podem ser alterados, inseridos ou excluídos a qualquer momento dentro do período de matrícula vigente.</p> <p>O campo deve ser utilizado como um instrumento da ação pedagógica na escola pois, além de possibilitar o registro dos atendimentos e encaminhamentos realizados de forma cumulativa, o sistema permite que o histórico dos registros seja consultado a qualquer tempo, já que as informações ficam armazenadas e vinculadas ao ano/série de cada matrícula do processo de escolarização do estudante.</p> <p>Elaborar, ao final do ano letivo, o "Relatório de Aprendizagem e</p>	<p>Ao longo do ano letivo.</p>

		<p>Desenvolvimento” e inseri-lo no campo a ele destinado em “<i>Portable Document Format</i>” (PDF).</p> <p>Os Relatórios de Aprendizagem e Desenvolvimento⁵⁹ têm o intuito de possibilitar à equipe pedagógica e ao professor do ano subsequente, a identificação prévia dos estudantes que apresentaram dificuldades no processo de ensino-aprendizagem do ano anterior, assim como o atendimento às suas necessidades pedagógicas.</p> <p>É importante ressaltar que esse campo se destina aos estudantes que apresentam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, mas NÃO são público-alvo da Educação Especial.</p> <p>Os estudantes que possuem laudo e atendimento educacional especializado (AEE) seguem orientações próprias de acompanhamento.</p>	
<p>Relatório “Ensino-Aprendizagem” no SERE.</p>	<p>Identificar os estudantes que tenham apresentado dificuldade no processo de ensino-aprendizagem no ano anterior.</p> <p>Apresentar e analisar as informações do campo “Processo de Ensino-Aprendizagem” do SERE com os professores dos diferentes componentes curriculares.</p>	<p>O relatório para identificação dos estudantes que apresentaram dificuldade no processo de ensino-aprendizagem no ano anterior pode ser gerado do SERE seguindo o seguinte percurso: Realizar o <i>login</i> no Sistema, disponível no link: SERE - Sistema Estadual de Registro Escolar. Acessar o “Menu” disponível no canto superior esquerdo da tela. Ir com o cursor do <i>mouse</i> até o item “Relatórios”. Selecionar o item “Processo de Ensino-Aprendizagem”. A relação de alunos da escola pode ser obtida a partir das seguintes informações do campo “Processo de Ensino-Aprendizagem”:</p> <p>Dificuldades apresentadas no processo de ensino-aprendizagem. Encaminhamentos extraescolares. Atendimentos realizados com o estudante. Relatório geral.</p>	<p>Início do ano letivo.</p> <p>Durante a hora-atividade.</p>

		<p>Essas informações podem ser geradas em dois formatos de arquivo: “<i>Portable Document Format</i>” (.pdf) ou “<i>OpenDocument Text</i>” (.odt).</p> <p>Sugerimos que seja utilizado o formato “<i>OpenDocument Text</i>” (.odt), pois o arquivo abre em forma de planilha e pode ser convertido na planilha do Excel ou do Google. Por ser editável, possibilita a aplicação de filtros para facilitar a análise das informações.</p> <p>Após a análise dos dados dos estudantes, é importante que a equipe pedagógica apresente as informações disponibilizadas aos professores e definam juntos os encaminhamentos, ações e atendimentos a serem realizados, considerando a realidade da escola e os recursos e estrutura disponíveis.</p>	
--	--	---	--

Fonte: O autor (2023).

Para melhor receber os estudantes nas escolas ou colégios estaduais, foi pensada uma série de ações de adaptação dos estudantes, como: orientação aos estudantes, lista de materiais, reunião com responsáveis, agenda pessoal, mural de informações, horários diferenciados no primeiro mês ou primeira quinzena, horário semanal bloqueado etc. Dentre as ações que envolvem as instituições de ensino, destacamos: acolhimento (momento mais importante deste processo, pois quando o estudante se sente acolhido por todos os profissionais da instituição, ele tem uma propensão a ter um melhor desempenho e desenvolvimento das habilidades socioemocionais); a compreensão das diferentes funções dos profissionais da escola, o que demanda um certo tempo; o fortalecimento das relações dentro da instituição com atividades voltadas para essa integração, como gincanas, eventos culturais etc.; o Professor titular, que será a referência dos estudantes na instituição; e, por último, o sistema SERE, com relatórios para que, em caso de transferências, a instituição que receber o estudante possa ter acesso a todos os dados coletados.

Quadro 3 - Ações integradas entre 5º e 6º anos do Ensino Fundamental.

Ação	Objetivo	Descrição e acompanhamentos	Período indicado
Visita do 5º ano à instituição que oferta os Anos Finais	Conhecer a organização e estrutura da instituição de ensino que oferta os Anos Finais do Ensino Fundamental.	<p>É necessário que haja uma reunião entre as equipes para organização da visita, das atividades que serão desenvolvidas, se será ofertado um lanche aos estudantes do 5º ano durante o período em que permanecerão na escola, a definição das responsabilidades e funções dos sujeitos envolvidos no acolhimento e apresentação do espaço, entre outras possibilidades, considerando a realidade da escola.</p> <p>Nesta ação, os estudantes dos Anos Finais podem desenvolver algumas ações, como a recepção dos estudantes do 5º ano, a apresentação do espaço, a realização de atividades recreativas e esportivas, uma roda de conversa para responder perguntas e curiosidades.</p> <p>É importante que haja uma fala inicial da direção da escola que oferta os Anos Finais, apresentando a história da instituição, o número de estudantes atendidos, turmas e cursos ofertados, assim como o que se espera dos estudantes que irão ingressar no 6º ano no ano subsequente.</p> <p>A equipe pedagógica também deve participar desse momento inicial, explicitando de que forma acontece a organização do trabalho pedagógico na escola, como é o sistema de avaliação e as responsabilidades e direitos dos estudantes.</p>	Mês de novembro.
Trabalho pedagógico integrado nas aulas de ciências.	Possibilitar que estudantes e professores e estudantes possam experienciar encaminhamentos diferentes a partir de um conteúdo comum.	<p>A partir de um conteúdo comum entre as turmas de 5º e 6º anos, poderão ser desenvolvidas diferentes atividades, como:</p> <p>Trabalho em grupo em que as equipes contenham estudantes de ambos os anos em sua composição. Apresentação de trabalhos e pesquisas de um conteúdo ou temática comum, onde os estudantes do 5º ano apresentam para os estudantes do 6º ano e os estudantes do 6º ano apresentam para o 5º ano. Aula prática e de campo.</p>	Ao longo do ano letivo.

		<p>Aula conjunta entre 5º e 6º anos dos assuntos e conteúdos a serem trabalhados.</p> <p>Utilização de diferentes recursos didáticos e midiáticos, tanto na aula do professor, quanto nas produções e atividades dos estudantes.</p>	
<p>Grupo de estudos entre os docentes e equipe pedagógica.</p>	<p>Se apropriar dos aspectos teóricos relacionados ao processo de transição.</p>	<p>A organização dos grupos de estudo pode ser realizada pelo Núcleo Regional de Educação, na intenção de viabilizar a discussão para o grupo de escolas municipais e estaduais de um mesmo município ou região ou na articulação entre as direções e equipes pedagógicas.</p> <p>O planejamento para realização desta ação deve prever a carga horária total do grupo de estudos, a periodicidade (semanal, quinzenal, mensal) dos encontros, se eles acontecerão de forma presencial ou à distância, o horário e local das reuniões e o cronograma de discussão, contendo a data, a temática e as referências e textos para o debate.</p> <p>Uma sugestão é utilizar a primeira parte deste caderno como subsídio para estudo e discussão, assim como selecionar, nas referências dos capítulos, textos para aprofundamento e ampliação das temáticas.</p>	<p>Conforme interesse e disponibilidade dos participantes.</p>
<p>Comissão de fortalecimento, implementação e monitoramento de ações e estratégias.</p>	<p>Instituir uma comissão de articulação formada por representantes da Rede Municipal e Rede Estadual.</p>	<p>A proposta de se instituir uma comissão tem a finalidade de planejar, organizar, monitorar e avaliar as ações a serem desenvolvidas de forma articulada entre as redes de ensino.</p> <p>Esta comissão pode ser composta por Grupos de Trabalho responsáveis pelos seguintes campos:</p> <p>Currículo: elaboração conjunta de avaliações diagnósticas, discussão sobre resultados de avaliações internas e externas, compartilhamento de dados e decisões dos Conselhos de Classe, entre outros.</p> <p>Ações de integração: organização de atividades culturais, esportivas e</p>	<p>Composição da equipe no início do ano letivo e desenvolvimento de ações ao longo do período</p>

		<p>recreativas envolvendo as duas redes de ensino.</p> <p>Atividades de 'preparação': estruturação de ações e planejamento de atividades de orientação ao estudante, quanto sua postura, organização, o desenvolvimento de hábitos e autonomia.</p> <p>A formação desta equipe favorece uma unidade no trabalho com a transição em mais de uma escola da mesma rede de ensino.</p>	
Canal de comunicação entre os docentes.	Ampliar as oportunidades de comunicação e diálogo entre os docentes dos 5º e 6º anos.	<p>Existem diferentes recursos que podem ser utilizados para oportunizar situações de diálogo e comunicação entre os docentes.</p> <p>Podem ser utilizados diferentes aplicativos e plataformas para compartilhamento de materiais e discussão.</p> <p>Sugestões de aplicativos de mensagens:</p> <p>WhatsApp; Telegram; Viber; Signal; Messenger; Skype.</p> <p>Sugestões de plataformas para criação de blog:</p> <p>Wordpress; Tumblr; Blogger; Weebly; Medium.</p> <p>Sugestões de plataformas para criação de Fórum de discussão:</p> <p>Wix; WordPress; uCoz; Facebook.</p> <p>Sugestão para criar uma sala para discussão e compartilhamento de materiais:</p> <p>Google Classroom.</p>	A qualquer tempo.
Momentos de articulação previstos no cronograma de atividades anual da escola	Promover ações de integração entre estudantes e profissionais da educação.	Esta ação permite a realização de uma vasta possibilidade de atividades que envolvam os profissionais da educação e/ou os estudantes dos Anos Iniciais e Finais, com diferentes objetivos como a formação continuada, grupo	Início do ano letivo.

		<p>de estudos, apresentações culturais, entre outros.</p> <p>A vantagem de se estabelecer um cronograma conjunto de ações integradas está no processo de elaboração do plano de ação conjunta e nas relações e desdobramentos dela derivada.</p>	
Encontros de análise dos resultados das avaliações externas.	Fomentar a discussão sobre a finalidade, os resultados e implicações das avaliações externas na prática pedagógica.	<p>É importante ressaltar que as avaliações externas ou em larga escala avaliam um recorte do currículo.</p> <p>As análises dos resultados devem estar combinadas com dados provenientes do contexto social, cultural e do rendimento obtido pelos estudantes com as avaliações da aprendizagem.</p> <p>Esse 'diagnóstico' só é relevante se oferecer subsídios para o replanejamento da prática pedagógica e da ação da gestão da escola.</p> <p>Entender que bons resultados de proficiência são consequência da aprendizagem e que não se restringem aos descritores das avaliações externas, é primordial para o alcance de um processo de ensino-aprendizagem com qualidade e compromisso pedagógico.</p>	Momentos de planejamento, replanejamento, assim como após o processo de divulgação dos resultados da avaliação externa aplicada.
Encontro de gestores e pedagogos.	Buscar, conjuntamente, meios para superar adversidades que permeiam o cotidiano escolar e a prática pedagógica.	<p>Para além de discussões teóricas ou somente práticas, a práxis⁶⁰ é essencial para a constituição de um trabalho intencional e coerente com o contexto social, político, econômico e cultural que a instituição está inserida.</p> <p>Sugerimos a reflexão sobre os seguintes assuntos nesses encontros, relacionando sempre as possibilidades de integração entre os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental:</p> <p>Gestão democrática; Currículo; Organização do trabalho pedagógico; Didática e prática do ensino;</p>	A qualquer tempo.

		<p>Avaliação da aprendizagem; Processo de desenvolvimento humano.</p> <p>Os encontros podem ser previstos para realização presencial ou on-line. No entanto, é importante que uma ou duas pessoas sejam responsáveis por conduzir o processo de discussão.</p> <p>Pode ser realizado um rodízio dos responsáveis pelas discussões, conforme o assunto a ser abordado.</p>	
Utilização compartilhada do acervo da biblioteca.	Oportunizar que os estudantes utilizem o espaço e o acervo da biblioteca das escolas.	<p>A ideia nesta ação é permitir o uso da estrutura e o empréstimo do acervo da biblioteca da escola que oferta o 5º ano para os estudantes do 6º ano e da biblioteca da escola que oferta o 6º ano para os estudantes do 5º ano.</p> <p>É importante que o cadastro dos estudantes da outra instituição seja previamente realizado, assim como devem ser orientados sobre os procedimentos, suas responsabilidades e benefícios como usuários da estrutura e acervo.</p> <p>Podem ser realizadas também, atividades com horário e data previamente definidos, como contação de histórias, declamação de poesias, entre outras possibilidades.</p>	Ao longo do ano letivo.
Atividades culturais.	Possibilitar a convivência e o compartilhamento de experiências entre os estudantes.	<p>Diferentes formatos podem ser organizados para a realização de atividades culturais, como recitais de poesias, mostra de arte, apresentações musicais, sessões de cinema, entre outras possibilidades.</p> <p>As mostras e atividades podem ser realizadas pelos próprios estudantes e contar, também, com a participação de músicos, musicistas, atores e artistas profissionais e amadores.</p>	A qualquer tempo.
Aula inaugural no 6º ano.	Organizar um período para que o estudante do 5º ano vivencie a realidade de ter as 5 aulas de componentes curriculares diferentes na escola do 6º ano.	Nesta ação, o estudante do 5º ano tem a oportunidade de conhecer professores que atuam no 6º ano, como conduzem o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, como funciona a troca de professores entre as aulas, o momento do recreio/intervalo, entre outros.	Durante o último bimestre/trimestre.
Troca de cartas.	Incentivar a produção textual e o	A correspondência entre os estudantes possibilita, tanto o	Ao longo do ano ou em períodos

	<p>diálogo entre os estudantes do 5º e 6º anos.</p>	<p>desenvolvimento da escrita, como a interação e vínculo entre eles.</p> <p>Podem ser utilizados meios digitais (e-mails) também, dependendo da realidade social e a estrutura disponível nas escolas.</p> <p>É essencial que haja uma orientação prévia aos estudantes do 5º ano para que se apresentem, se descrevam e questionem os estudantes do 6º ano sobre suas dúvidas com relação ao processo de transição.</p> <p>É necessário que essa orientação também aconteça com os estudantes do 6º ano, no sentido de explicar como proceder ao se apresentarem e se descreverem e como responderem os questionamentos recebidos.</p> <p>É importante ressaltar que esta atividade precisa ser mediada e orientada pelo professor, até pelo cuidado com o conteúdo que será compartilhado entre os estudantes.</p>	<p>determinados.</p>
<p>Reunião com responsáveis dos estudantes do 5º ano.</p>	<p>Amenizar a ansiedade e dúvidas que os responsáveis tenham com relação à escola que oferta o 6º ano e sua organização.</p>	<p>Organizar uma reunião com os pais e responsáveis dos estudantes do 5º ano, com a presença da direção e equipe pedagógica da escola do 6º ano, a fim de orientá-los acerca dos procedimentos didáticos e avaliativos que serão utilizados durante o ano seguinte.</p> <p>Sugerimos como pauta, os seguintes itens:</p> <p>Objetivos do trabalho nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Como se dá o atendimento ao estudante e aos responsáveis na instituição que oferta o 6º ano. Ações a serem desenvolvidas com relação ao processo de adaptação dos estudantes na organização escolar dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Organização e procedimentos didáticos e metodológicos dos diferentes componentes curriculares. Como é o sistema de avaliação da escola (médias: aritmética, somativa, ponderada), número de avaliações, composição de notas (instrumentos e</p>	<p>A qualquer tempo.</p>

		critérios), recuperação da aprendizagem e do rendimento (nota).	
--	--	---	--

Fonte: O autor (2023).

As especificidades das ações de transição estão ligadas à formação dos profissionais da educação, onde propõe-se uma comissão de fortalecimento, implementação e monitoramento entre as instituições e canais de comunicação. Desse modo, preparando os profissionais para os momentos em que os estudantes vão frequentar as duas instituições, tanto no 5º quanto no 6º anos. Este preparo pode ser dar por meio de atividades culturais, reuniões entre equipes gestoras, pedagógicas e responsáveis. Todas essas propostas são interessantes, e depois de pensadas devem ser garantidas pelas mantenedoras sem ônus aos trabalhadores, portanto, pensar essa transição também exige investimentos para que esse processo aconteça de forma eficiente, tornando-se uma prática pedagógica tradicional entre as instituições de ensino que realizam essa transição.

2.3 SISTEMAS DE EDUCAÇÃO: TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO

A Seed-PR, mantenedora da educação no Estado do Paraná, foi criada em 1987¹¹, em substituição à Secretaria de Estado da Educação e da Cultura de 1975¹². Atualmente, ela possui 2104 escolas, divididas em 399 municípios, divididos em 32 Núcleos Regionais. O núcleo regional de Londrina possui 19 municípios, com 127 escolas, já a cidade de Londrina, foco da nossa pesquisa, possui 69 escolas, dívidas entre a zona urbana e os distritos da cidade¹³.

O sistema municipal de educação de Londrina foi criado em 2002¹⁴, a partir desse momento, é a própria secretaria municipal que supervisiona os trabalhos das escolas municipais e propõe currículo próprio, além das legislações pertinentes ao ensino na cidade de Londrina. São 57 centros de educação infantil filantrópicas (CEIs), 33 Centros Municipais de Educação Infantil, 36 unidades de educação de Jovens e Adultos, 88 Unidades escolares (Ensino Fundamental, 76 urbanas e 12 rurais).

Os dados da SEED são claros de que somente duas unidades escolares ofertam o ensino fundamental I, o instituto de Surdos de Londrina e o Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

2) Consultar os profissionais da Educação

Um ponto importante da nossa pesquisa é tentar captar como os profissionais da educação e, em específico, as professoras e professores sentem esse processo de transição e como isso envolve também o componente curricular de história. O “Educa Juntos”, que visa discutir a transição do 5º para o 6º ano, traça alguns aspectos sobre o trabalho da professora ou do professor nos anos Iniciais:

¹¹ **DECRETO Nº 1102.** Lei nº 8.485, de 03 de junho de 1.987, “Art. 1º - Fica aprovado o Regulamento da Secretaria de Estado da Educação - SEED, forma do Anexo que integra o presente Decreto. Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogados o Decreto nº 205, de 04 de abril de 1975 e demais disposições em contrário. Curitiba, em 07 de agosto de 1987, 166º da Independência e 99º da República.” p.1

¹² **DECRETO N.º 205** Lei nº 6.636, de 29 de novembro de 1974

Art. 1º. Fica aprovado o Regulamento e a estrutura da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, na forma do Anexo que faz parte integrante do presente Decreto. Art. 2º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Curitiba, em 4 de abril de 1975, 154º da Independência e 87º da República.p.’

¹³ <http://www4.pr.gov.br/escolas/numeros/index.jsp>

¹⁴ **Lei 9.012 de 23 de dezembro de 2002** - Criação do Sistema Municipal de Ensino e Conselho Municipal de Educação.

Outro aspecto explícito, refere-se à organização do trabalho pedagógico na escola. Nos Anos Iniciais, temos um professor de referência ou uni docente, já nos Anos Finais, temos uma diversidade de professores especialistas, que trabalham com várias turmas, entrando e saindo da sala de aula, com encaminhamentos metodológicos e formas de avaliação diversas, em um tempo escolar marcado pela hora-aula. (PARANÁ, 2022)

E completa:

Mas não é somente isso. É evidente que um professor responsável por uma única turma durante todo o ano letivo permite que o mesmo consiga observar e acompanhar o desenvolvimento, as dificuldades e as necessidades de aprendizagem de seus estudantes. Entretanto, isso não justifica essa discrepância nos dados educacionais que apresentam o percentual de reprovação entre as duas fases do Ensino Fundamental (PARANÁ, 2022).

Já a educadora ou o educador do 6º ano ganha outro perfil:

Um aspecto importante a ser considerado, é que os professores que iniciam o trabalho com o 6º ano necessitam ter um perfil específico e identificar-se com esta etapa. Esse profissional deverá compreender que a afetividade é essencial e necessária para que as relações entre docente-estudantes-conhecimento sejam positivas e possibilitem um processo de ensino-aprendizagem com mais qualidade e repleto de sentido e significado (PARANÁ, 2022).

A grande peculiaridade no Sistema de Educação de Londrina é que ele possui dois regentes, o R1 (Regente 1, que passa a maior parte do tempo com os estudantes, e detém o maior número de componentes curriculares), e o R2 (Regente que fica com os componentes de História, Geografia e Ensino Religioso), um profissional constituído a partir da Lei nº 11.531/2012, que garantiu a hora-atividade. Aqui, por este perfil trabalhar com o componente de História, torna-se também o foco de nossa pesquisa.

3 ENSINO DE HISTÓRIA NA TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO

3.1. EDUCAÇÃO HISTÓRICA

No Ensino de História, no Brasil, existem diversas concepções teóricas e formas de se pensar o Ensino de História. Pretendemos focar na perspectiva da Educação Histórica. A Educação Histórica (SCHMIDT, 2012) compõe um conjunto de pesquisas e discussões teóricas que partem de diversos países como Inglaterra, Portugal, Estados Unidos da América, Canadá e Brasil. O importante artigo do Professor Geysso D. Germinari, intitulado “Educação Histórica: A constituição de um campo de pesquisa”, introduz o leitor neste enorme campo de possibilidades de pesquisas, além de trazer um grande arcabouço conceitual e o levantamento histórico da Educação Histórica no Brasil (GERMINARI, 2011).

No Brasil, a presença da Educação Histórica foi evidenciada pelo trabalho de Evangelista e Triches (2006). As autoras sistematizaram as informações sobre grupos de pesquisa em Ensino de História, Didática da História e Educação Histórica, cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), entre 2000 e 2005 (GERMINARI, 2011, p. 59).

Dentro do campo de pesquisa da Educação Histórica, o conceito de “consciência histórica” é primordial para a Didática da História (RUSEN, 2015), seja para professores, seja para a Aprendizagem Histórica dos alunos. Jörn Rüsen entende a consciência histórica como:

A categoria básica para a compreensão da aprendizagem histórica é a consciência histórica. A sua definição ampla ressoa como se segue: a atividade mental de interpretação do passado para compreender o presente e esperar o futuro. Assim, combina o passado, presente e futuro de acordo com a ideia sobre o que trata a mudança temporal. Sintetiza as experiências do passado com os critérios de sentido que são eficazes na vida prática contemporânea e nas perspectivas de orientação de ação em direção ao futuro (RUSEN, 2015, p. 24).

O importante é compreender que o Ensino de História e a formação de professores estão ligados às mudanças na forma como é pensada a formação dos profissionais que tratam do tema. Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt, um dos grandes expoentes da Educação Histórica no Brasil, comenta como é importante a tomada de consciência por parte dos educadores:

Um primeiro pressuposto é o de que o professor (historiador) não pode, em hipótese alguma, ser um mero reproduzidor/transmissor, depositador de conhecimentos, mas necessita estabelecer, em sua profissionalização, uma relação orgânica entre ensino e pesquisa. Essa relação não implica em transformar ensino em pesquisa, mas entende que a articulação entre a forma pela qual cada um se pensa como professor e a condição de viver a atividade de professor é produzida historicamente. Neste sentido, é importante que se busque superar a lógica perversa da divisão técnica do trabalho, que separou, historicamente, aqueles professores que são autorizados a produzir conhecimento, daqueles a quem é permitida apenas a sua transmissão (SCHMIDT, 2012, p. 101).

E continua:

Outro pressuposto é o da necessidade de se entender a consciência histórica de alunos e professores como produções históricas também relacionadas à cultura escolar e, assim, procurar apreendê-los como construções históricas, sociais e culturais, entendendo as suas aprendizagens históricas também a partir das condições históricas e objetivas em que eles constroem a si mesmos e, portanto, da práxis [...] (SCHMIDT, 2012, p. 101).

Nesse aspecto, para a formação do profissional que vai lidar com a disciplina dentro da perspectiva da Educação Histórica como corrente teórica, esses conceitos são fundamentais para nos aprofundarmos nos abismos do processo de transição.

Um aspecto importante para pensarmos a relação da Educação Histórica com este processo de transição é a não especialidade das profissionais e dos profissionais de educação no primeiro ciclo do ensino fundamental, isso tem um forte impacto na compreensão da aprendizagem dos estudantes, que apesar de não ser o foco da nossa pesquisa, tem forte impacto nesse processo de transição. Afinal, quando os educandos chegam no sexto ano, se deparam com o (a) professor(a) especialista, este(a) dotado(a) de conhecimentos que vão desde a constituição do conhecimento histórico até a historiografia em geral, permitindo uma visão mais ampla.

Do ponto de vista do currículo, é no segundo ciclo do ensino fundamental que os conhecimentos históricos trabalhados ganham cronologia e se aprofundam na questão técnica do conhecimento histórico. Logo, tendo a possibilidade de desenvolver ainda mais a consciência histórica, permitindo, no final do Ensino fundamental, que temas de extrema complexidade possam ser trabalhados e aprofundados em sala de aula.

Portanto este trabalho busca compreender os pressupostos nesse processo de

transição que permitam uma maior aprendizagem histórica. Nossa análise está centrada nos educadores que garantem essa especificidade e as discussões em torno desse processo que, dentro da educação básica, são de fundamental importância. As pesquisas que apresentaremos mais adiante sobre a transição mostram que é um momento doloroso para o estudante, porque não são só as instituições ou as mantenedoras que estão mudando, mas todo um processo de ensinar e aprender. Um exemplo oportuno é o aumento do número de educadores no segundo ciclo do ensino fundamental, que gera um impacto grande para os estudantes.

A educação em tempo integral tem crescido no Brasil. O Paraná está em último lugar no censo, e, por isso, sua implementação tem sido muito grande nos últimos anos, o que contrasta com a realidade do município que tem poucas instituições integrais. Isso acaba sendo mais um componente em alguns casos para as dificuldades enfrentadas por todos na transição do 5º para o 6º ano nas escolas em tempo integral sob o número de componentes. Tendo toda a parte diversificada (conhecida como metodologia de êxito), no sexto ano, os componentes, além dos nove, são: protagonismo, pensamento computacional, pensamento lógico, componente curricular eletivo, práticas experimentais e o projeto de vida, componente mais importante, segundo o documento orientador que rege o modelo de escola em tempo Integral (PARANÁ, 2023). Esses fatores podem ser complicadores, porém existem outras práticas educativas que podem atenuar, a saber: o acolhimento diário, o protagonismo e, principalmente, uma convivência harmoniosa dentro da instituição, fatores que podem ser facilitadores da adaptação.

3.2. QUESTIONÁRIOS

Foram elaborados dois questionários, um para os educadores do 5º ano e outro para os professores do 6º ano. Por uma questão de cronologia, a aplicação do primeiro questionário teve forte influência na construção do segundo, pois se deu em um contexto de maior conhecimento sobre o tema. O segundo questionário é voltado, também, para os professores especialistas, formados em história, que recebem os estudantes na rede Estadual.

3.2.1. Questionários com Educadores do 5º ano

O objetivo do questionário foi tentar, através da percepção das professoras da rede municipal, entender como essa transição ocorre e como trabalham a disciplina de história, seja tendo uma segunda formação ligada às ciências humanas, seja sem esta formação. Nesse intuito, buscamos, através do questionário para quatro professoras e um professor (duas com formação específica próxima das ciências humanas, o professor com formação em Arte e duas sem formação específica), analisar a percepção que estas profissionais, que estão dentro da sala de aula ou de outros espaços educativos, estão tendo ao lidar com o processo de transição e trabalhando o componente de história. Outro ponto é o tratamento de Q1 a Q5 para os questionários, lembrando que Q1, Q2 e Q4 têm formações específicas além da formação em pedagogia.

Para nossas análises, é fundamental o uso da Teoria fundamentada já determinada na nossa metodologia e produzir um constructo teórico desta investigação.

Qual a importância da R2? Como eram ministradas as aulas e os conteúdos que hoje são ministrados pelas R2?					Análise
R2 A	R2 B	R2 C	R2 D	R2 E	
Antes as aulas eram direcionadas somente nas matérias específicas de História, Geografia e ensino religioso, hoje com os parâmetros curriculares ficou possível trabalhar melhor incorporando outras matérias dentro dessas disciplinas ampliando conhecimentos e saberes aos alunos.	O R2 é importante porque compartilha com o professor regente a responsabilidade pela turma e pelos conteúdos ministrados. Outra questão relevante é que se dedica a estas disciplinas História/Geografia e Religião e seus respectivos conteúdos integralmente. Além de ampliar o tempo para que o R1 possa se dedicar ao planejamento de outras disciplinas. Eram ministradas de acordo com as possibilidades do professor e da turma e do ano que essa criança frequentava.	Auxiliar o aluno na compreensão e análise da própria identidade e do espaço em que está inserido. Conhecimento prévio, objeto de conhecimento e objetivos de aprendizagem relacionados.	É fundamental. O professor tem uma formação específica para com cursos com foco nas disciplinas e conteúdos, além de possibilitar melhor empenho no planejamento e desenvolvimento das aulas.	abordagem do R2 no ensino fundamental e mais intencional do quando ministrada pelo professor R1.	Fica expressa a importância de compartilhar a experiência educacional com mais um profissional, tirando assim o foco de todos os componentes em uma única profissional, que pode assim, ter garantida sua hora-atividade, planejar melhor as ações para as demais experiências educacionais.

Existe um guia ou um parâmetro curricular em cada ano? Existe uma preocupação com a preparação dos discentes em relação aos conteúdos que serão estudados no ensino fundamental 2?					Análise
R2 A	R2 B	R2 C	R2 D	R2 E	
Existe um parâmetro curricular certamente, não seria possível ministrar aulas sem um norte em que o professor esteja bem direcionado na construção das aulas.	Sim, os conteúdos são distribuídos por ano, a partir dos conhecimentos propostos pela Base Nacional Curricular (BNCC)	A rede disponibiliza um Componente Curricular para cada disciplina e turma. A preocupação e preparação das aulas aplicadas é constante, buscando metodologias que visam atingir os objetivos propostos.	Sim. A equipe da SME oferta a formação e o planejamento anual.	Existe um parâmetro curricular. Sim existe um guia que são os parâmetros do currículo.	É consenso que os documentos são apresentados, que as professoras têm um amplo conhecimento e visualizam sua importância. A compreensão de documentos norteadores já demonstra um grau de experiência dos educadores e de certa forma contribuem para que a rede faça a execução de sua diretriz curricular.

Como são divididos os três componentes nos planejamentos anuais? Como é rotina de trabalho da professora R2?					Análise
R2 A	R2 B	R2 C	R2 D	R2 E	
É possível dividir em trabalhar determinadas matérias por semana por exemplo, uma semana História outra semana Geografia separando sempre uma aula por mês em Ensino religioso, seguindo as observações de planejamento para cada unidade escolar.	Os conteúdos são divididos por trimestre. Na escola que atuo minha rotina consiste em trabalhar com os alunos semanalmente, uma jornada de 4 horas por turma, onde divido o tempo entre as disciplinas de História, Geografia e Ensino Religioso.	Na rotina, o professor deve passar cada dia em uma turma diferente em um total de 5 turmas. O planejamento é intercalado com uma semana história para todas as turmas e na outra, geografia para todas as turmas.	Intercalamos as aulas de história e geografia semanalmente e ensino religioso vamos encaixando nos conteúdos de acordo com as possibilidades. Confesso que na minha realidade, religiosidade ainda é um tabu a ser desenvolvido e ampliado. Por isso vamos encaixando nos conteúdos que há possibilidades.	E dívida por série e conteúdos.	Os educadores trabalham os componentes de forma variada, tendo está certa liberdade para planejar e executar conforme suas análises de contexto e execução do planejamento alinhado as diretrizes, no quinto ano, talvez pensando na transição, deveria se dar os três conteúdos toda semana, permitindo já pensar no momento da transição, o próprio Educa Juntos sugere tal medida, como na grade de horários. (Anexo I)

Quais conteúdos de história trabalhados pela R2 no 4º e no 5º ano você mais se identifica? qual material didático é utilizado? Existe um material didático específico para cada componente?					Análise
R2 A	R2 B	R2 C	R2 D	R2 E	
Os conteúdos que envolvem a história da criação do Estado do Paraná e o município de Londrina, sim existe um material muito rico e um projeto da Secretaria Municipal de Educação sobre a história de Londrina antigamente e nos dias atuais seu crescimento em todos os sentidos, este projeto se chama (Conhecer Londrina).	Com relação ao 5º Ano o conteúdo que mais identifique: Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas. (Obs. Não tenho 4º ano). Materiais existentes: livro didático e sequências didáticas, disponibilizadas no site da Secretaria de Educação.	Com o período da escravidão na Colonização do Brasil. Fazendo uso dos livros didáticos, vídeos, imagens e outros. No componente curricular disponibilizado estão sugestões de vídeos a serem utilizados.	Temos o livro didático, além de indicação de vídeos e livros.	Eu aprecio todos os conteúdos de um modo geral. Sim existe um material para cada componente.	Podemos destacar o diálogo com os documentos quando as respostas apresentam componentes específicos da história da cidade, até aqueles que vem da BNCC e conseqüentemente o diálogo com o CREP e com a Diretriz curricular.

Como você vê a junção dos componentes de História, Geografia e Ensino Religioso? Você conheceu a disciplina de Estudos Sociais? O que pode dizer sobre ela?					Análise
R2 A	R2 B	R2 C	R2 D	R2 E	
<p>Sim, para a época que foi utilizado a matéria de Estudos Sociais foi algo bom para o momento o problema é que talvez pelo motivo de ser uma matéria carregada de vários temas, alguns assuntos deixavam de ser abordados, por isso, foi necessário e importante essa fragmentação das matérias, dando uma visão melhor para cada, e agora podemos abordar os temas separadamente e ainda implementar com as outras matérias de língua portuguesa por exemplo, sem prejudicar a sequência didática pensada para a matéria que estiver sendo trabalhada.</p>	<p>Vejo como uma opção para o trabalho dessas disciplinas no Ensino Fundamental, embora não saiba avaliar se é a melhor das opções. Mas compreendo que a separação do trabalho entre R1 e R2 propiciou que essas disciplinas fossem trabalhadas com mais afinco, fato que em outro momento eram negligências para dar maior ênfase a Português e Matemática.</p>	<p>Vejo que estes componentes se completam. Não conheci a disciplina de Estudos Sociais.</p>	<p>Não vejo como junção. As disciplinas são aplicadas de forma separada e não parece nada com estudos sociais. Agora se ocorrer uma junção a tendência será se transformar nos Estudos Sociais e a importância de cada uma se perder</p>	<p>Ótimo.</p>	<p>A junção é vista mais como um diálogo entre os componentes do que uma junção para retirada de criticidade e conseqüentemente de temas polêmicos para a sociedade brasileira, essa visão positiva também está atrelada a forma separada com que o educador deve trabalhar estes componentes dando visibilidade e importância para cada um deles.</p>

Quais ideias você tem sobre o Ensino de História ministrado pela R2?					Análise
R2 A	R2 B	R2 C	R2 D	R2 E	
<p>Acredito que esta exploração que é feita a partir do local em que o aluno vive, faz com que o interesse na matéria seja maior, pois conhecer primeiro seu bairro, o que contribuiu para o crescimento e desenvolvimento através do tempo, é um ponto facilitador de apreciação no conhecimento da matéria de História.</p>	<p>Observo que os profissionais que trabalham com R2 na maioria das vezes ficam na função por pouco tempo, então temos sempre novos professores iniciando na função, o que dificulta a formação de uma base mais "sólida" digo, com conhecimentos mais sólidos na área.</p>	<p>Vejo que é de suma importância individual e social do cidadão.</p>	<p>De fundamental importância pois, prepara melhor o aluno, aprofunda os conteúdos, amplia os debates sobre conhecimentos históricos.</p>	<p>Conhecimento específico sobre os conteúdos</p>	<p>Partir da história do estudante, se ver enquanto cidadão e para os educadores a importância da permanência como educador na mesma função, a alta rotatividade é apresentada como uma preocupação e isso se destaca, pois sem a continuidade, somente a formação continuada proporciona poucos efeitos.</p>

Qual a principal contribuição da R2 para o Ensino de História que será desenvolvido nos anos finais do Ensino Fundamental?					Análise
R2 A	R2 B	R2 C	R2 D	R2 E	
O professor R2, deve ser um pesquisador constante e atento quanto ao desejo questionador que surge no aluno, a partir do momento em que muda seu conceito da matéria e daí por diante o aluno passa a ver a matéria de História, não como uma aula obrigatória, mas sim, como a aula que ele espera ansiosamente o dia chegar para trocar informações de tudo o que descobriu e aprendeu durante a semana.	O despertar do interesse do aluno para os conteúdos da História. Um professor que goste de História e desenvolva um bom trabalho, poderá promover o encantamento do aluno por fatos históricos ou curiosidades, o que levará esse aluno a ter maior facilidade nos anos finais do Ensino Fundamental.	Levar o aluno a refletir sobre os caminhos trilhados pela sociedade até os dias atuais e que ele é um agente transformador.	Formação dos alunos mais críticos e conscientes do papel histórico.	A base que garante a compreensão dos conteúdos.	A principal contribuição é a formação do estudante, subsidiando suas primeiras noções sobre história, cidadania, criticidade, em tese dando todas as condições para que se desenvolva ainda mais no ensino fundamental II.

Há formação continuada específica para as professoras R2?					Análise
R2 A	R2 B	R2 C	R2 D	R2 E	
Sim, constantemente.	Existe formação continuada através de cursos que são ministrados pela Secretaria de Educação no decorrer do ano letivo.	Sim.	Sim. No último ano a formação está mais destinada aos professores iniciantes. Porém tem formação para todos os professores R2.	Sim.	Destaque unânime da execução de formações por parte da Secretaria Municipal de Educação de Londrina, o que permite a estes educadores sem uma formação específica de história poder algumas dimensões do que se espera no ensino de história e como trabalhar estes conteúdos e objetivos de aprendizagem.

Quais são as maiores dificuldades encontradas pelas R2 ao lecionar estes componentes? Você teria sugestões para o aperfeiçoamento do ensino desses componentes no 4º e no 5º ano?					Análise
R2 A	R2 B	R2 C	R2 D	R2 E	
<p>As maiores dificuldades ainda são a mítica de enxergar a matéria como algo obrigatório na grade Curricular e não como algo que seja colaborador para a ampliação do conhecimento do aluno. Algo que eu já trabalho, talvez pela minha formação em Arte, eu sempre busco uma fixação de conteúdo, incorporando o conteúdo de história e geografia com a matéria de arte, que desperta e na forma trabalhada dificilmente eles vão esquecer o conteúdo.</p>	<p>Entre as dificuldades estão: dificuldades de leitura e interpretação de texto, há temas que são inseridos nos anos iniciais que os alunos têm pouca vivência e experiência para compreendê-los. Como sugestão: buscar tornar a História para crianças menos abstrata.</p>	<p>Interligar na prática essas disciplinas. Creio que formações que auxiliem nas habilidades na ligação das três disciplinas.</p>	<p>Como as determinações da professor/a R2 são da SME as restrições são poucas, mais relacionadas a intolerância religiosa, da escola e dos pais. (Minha escola reza pai nosso antes do hino nacional) mas na sala de aula, somos salvos pelos materiais didáticos. Mesmo sem o suporte da equipe pedagógica.</p>	<p>Um material didático mais próximo da sua vivência, cultural.</p>	<p>As dificuldades estão atreladas a situação dos estudantes em seu letramento e por outro lado a relação dos educadores com o processo formativo e os objetivos enquanto educador, seja na ligação entre os conteúdos, seja na ausência de um material mais próximo das vivências dos estudantes. As equipes pedagógicas enfrentam em todas as esferas as questões religiosas inerentes aos conteúdos e as dificuldades em lidar com a intolerância religiosa dos pais.</p>

As presentes análises exploram a percepção dos educadores do 5º ano sobre a transição escolar e o ensino de história. Através de questionários aplicados a quatro professoras e um professor com diferentes formações, o estudo analisa como esses profissionais lidam com a transição escolar e o ensino da disciplina de história. Os participantes incluem professores com formação em ciências humanas, arte e aqueles sem formação específica. A análise enfatiza a importância da Teoria Fundamentada, já estabelecida na metodologia, para produzir um constructo teórico. Os educadores discutem a junção dos componentes de História, Geografia e Ensino Religioso, vendo isso mais como um diálogo entre as disciplinas. A antiga disciplina de Estudos Sociais é lembrada como um precursor que integrava vários temas, mas que deixava de abordar alguns assuntos, levando à necessidade da separação atual das matérias.

O ensino de História ministrado pelo professor R2 é visto como crucial para formar a base de conhecimento dos alunos, preparando-os para os anos finais do Ensino Fundamental. O estudo enfatiza a importância da formação contínua, oferecida pela Secretaria Municipal de Educação de Londrina, para os professores R2, especialmente aqueles sem formação específica em História. Dessa forma, as dificuldades enfrentadas pelos professores R2 ao ensinar esses componentes, sugerindo a necessidade de materiais didáticos mais alinhados com as vivências dos estudantes e métodos para interligar as disciplinas na prática. Destaca-se a importância de abordagens interdisciplinares e a necessidade de combater a intolerância religiosa.

3.2.2. Questionários com educadores do 6º ano

Este é o segundo questionário, e vem de um acúmulo maior de experiências, obtidas com a aplicação do primeiro questionário, as experiências compartilhadas e as futuras leituras que mudaram e moldaram o trabalho como um todo, como a chegada do programa Educa Juntos, quando a proximidade com esses professores historiadores. Da mesma forma que no questionário dos 5º anos, vamos trabalhar com a coleta dos dados e com a categorização desses dados e a saturação teórica, para que não fique repetitivo, ficará nas considerações finais do presente trabalho.

De quais escolas municipais, sua escola recebe os alunos do 6 ano? Você conhece estas escolas?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
Escolas Municipais Carlos Dietz. Escola Municipal Mercedes Martins Madureira Não conheço as escolas .	Esse ano estou trabalhando em 4 colégios públicos no município de Cambé e um colégio privado no município de Rolândia. Em Cambé, as crianças são oriundas de várias escolas municipais da cidade. Cito algumas: Isaura Ferreira Neves, Consolação Monte Hernandez, Jacídio Correia, Lucia Barros e Alcenira Ribeiro de Castro	E.M. San Izidro	Recebemos em sua maioria de escolas da Zona Oeste: Corveta Camaquã, Carlos Dietz, Melvin Jones, João XXIII, Nina Gardeman.	A Escola em que leciono, recebe grande parte de seus alunos para o 6 ano, de 4 Escolas Municipais: Professora Ruth Lemos, Professor Moacyr Teixeira, Salim Aboriham e Padre Anchieta. Sim, conheço essas 4 escolas municipais.	<p>É de suma importância conhecer a origem dos estudantes e todos os educadores indicam as instituições de origem dos estudantes, isso ajuda no contexto de compreensão de quais comunidades são oriundos e basicamente seus contextos sociais para que o educador ao ensinar história, possa se utilizar de todas as ferramentas necessárias para facilitar o seu trabalho.</p> <p>Mesmo sem uma grande articulação e visto que os educadores têm uma preocupação e conhecimento sobre a origem dos estudantes.</p>

Como você vê a articulação entre o estado e o município na transição?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
<p>Ela praticamente não existe. Na maioria das vezes os alunos recebem a carta de matrícula e não recebemos nenhuma informação além dos dados básicos deles. Em alguns poucos casos a escola municipal encaminha os laudos ou relatórios do trabalho realizado com alunos que tem algum tipo de atendimento especial (sala de recurso, sala de reforço, etc). De maneira geral quando fazemos uma avaliação diagnóstica é que detectamos os problemas apresentados por esses alunos.</p>	<p>Sempre há a possibilidade de novas rearticulações a partir de reflexões que possam otimizar as relações sociais no campo da educação pública. O desafio é compreender as expectativas e necessidades da comunidade escolar a partir da organização proposta pela administração da educação pública no Paraná. De forma geral, parece satisfatório o processo mediante distribuição geográfica, as questões étnicas e de classes merecem atenção mais detalhada.</p>	<p>A meu ver, esta transição se dá de forma um tanto quanto problemática. Falando especificamente da minha área, história, os alunos chegam com poucos pré-requisitos para o ingresso no 6 ano. Muitos conceitos essenciais para o estudo de história são negligenciados pelo currículo do ensino fundamental nos primeiros anos. Vejo a culpa disso no currículo que trabalha de forma superficial os conceitos de história. Além disso, acredito que seria importante a presença de um professor formado em história para ministrar as aulas nos primeiros anos do fundamental</p>	<p>Não há articulação visível nesse processo de transição, na verdade há uma ruptura. No estado há uma orientação que professores com experiência no Fundamental 2 ou com mais habilidade sejam convidados a pegar essa série.</p>	<p>Creio que acontece a articulação entre Estado e Município no que tange a transição escolar dos discentes, porém, percebo uma relação muito mais burocrática, do que de fato uma transição teórica - pedagógica.</p>	<p>Mesmo com a existência do Educa Juntos, todos os educadores apontam problemas, desde a ausência de um especialista de história nos anos iniciais, a falta de arcabouço teórico para as discussões do sexto ano, a pouca comunicação entre as instituições, uma transição burocrática que permeia uma ruptura muito grande para os estudantes. Os educadores não conseguem ver essa articulação que deveria existir entre as instituições, pois para efetivação de uma política, para além de projetos é necessário diálogo a acima de tudo investimentos para que isso ocorra.</p>

Você conhece os conteúdos de história ministrados até o 5 ano?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
Não de maneira integral. Aqui no município de Londrina trabalha-se História do Paraná e História Regional/local. Existe ainda um trabalho com datas comemorativas ligadas a eventos históricos.	Conheço a matriz curricular e alguns livros didáticos utilizados nos municípios do Paraná, unidades temáticas, objetos de conhecimento e objetivos de aprendizagem.	Sim.	Superficialmente, temos acesso aos documentos norteadores, mas em conversas com os alunos muitos parecem não ter tido os conteúdos. Enquanto outros já possuem um conhecimento mais aprofundado sobre os conceitos básicos, parece que depende mais do professor que tiveram.	Sim, conheço.	Com certeza não conhecem na prática, mas unindo a experiência e o conhecimento dos documentos norteadores e sabendo que o trabalho não é feito por um especialista, esse avanço se pode ser perceptível quando o R2 tem mais conhecimento e familiaridade com o ensino de história.

Como é o ensino de história até o 5º ano?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
<p>Não tenho conhecimento com profundidade. Sei que é ministrado por professores em sua maioria sem formação específica em História em poucas aulas semanais.</p>	<p>O ensino de história é limitado a poucas horas semanais, com professor (a) específico e pautado em unidades temáticas que levam em consideração a percepção da criança no mundo, seus referenciais espaciais e temporais, tais como o bairro, o lugar onde vive, a cidade....</p>	<p>Acredito que possui bons objetivos de conhecimento, mas que deveriam ser trabalhados por profissionais de história e não de pedagogia. No entanto, existem vários estudos na área do ensino de história que tratam dos primeiros anos do fundamental, que aprofundam os conceitos históricos. Acredito que faltam nos alunos que ingressam no 6º ano o conhecimento de conceitos de história básicos, como narrativa histórica, interpretação histórica e empatia histórica. Os estudos demonstram que já nesta idade é possível para os alunos apreendê-los.</p>	<p>Honestamente não sei, pelos relatos dos alunos há escolas que dividem as turmas por áreas de conhecimento tendo, portanto, mais de um professor regente. Sei que há orientação sobre como trabalhar a história local a partir de roteiros pedagógicos, assim como há investimentos em formação para temas como alfabetização racial/étnica(?). Mas assim como tem ocorrido no próprio estado em anos do SAEB, há uma preocupação com a recomposição de conteúdos da língua portuguesa e matemática.</p>	<p>O Ensino de História até o 5º ano, acontece de maneira introdutória, focando em conteúdos que dizem respeito a realidade direta dos alunos. Suas histórias pessoais, familiares, do bairro em que moram e estudam, da região da Cidade em que se localizam e do Município em que nasceram e vivem. A História do Brasil, é abordada de maneira bem simplificada.</p>	<p>A falta de professores especialistas e uma história pautada na história regional e na história pessoal, assim é a visão que os educadores tiveram do ensino de história até o 5º ano, ninguém cita a R2 ou qualquer relação com o ensino de Geografia e ensino Religioso. A história é vista como trabalhada de forma tímida e simplificada, sem aprofundamentos.</p>

Você já acessou o sistema SERE ou recebeu relatórios dos estudantes ingressantes no 6 ano?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
Não. No Colégio geralmente é a secretaria que faz esse trabalho com a solicitação da equipe pedagógica.	Nunca acessei o sistema estadual de registro escolar.	Não.	Nunca acessei o sistema SERE, somos orientados quanto aos alunos com necessidade educacionais especiais: autismo, transtornos globais deficiência física, visual ou auditiva. Também recebemos os alunos com altas habilidades.	Sim, já acessei o sistema SERE, tendo contato com os relatórios dos alunos ingressantes	O Fato de nunca terem acessado não demonstra o desconhecimento do sistema, pois muitas vezes é um trabalho relegado a secretária, mas as informações sobre os estudantes estão lá, mesmo assim temos um educador que já acessou e que utiliza os relatórios dos estudantes.

Conhece o material do Educa Juntos ou participou de formação sobre o tema?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
Não conheço.	Sim. Já participei de formações que abordaram o tema. A pandemia gerou uma série de problemas em relação ao processo de alfabetização. De 2020 para cá, a incidência de estudantes não alfabetizados no sexto ano passou a ser algo normalizado nos colégios públicos. Estamos em outubro e tenho pelo menos 2 estudantes em minhas turmas que não estão alfabetizados. Diante disso, a tentativa de aproximação entre educação estadual e educação municipal através da lei estadual pode render bons resultados para nossos estudantes.	Não.	Não conheço e nunca participei de formação.	Não conheço esse material e não participei de nenhuma formação nesse sentido.	O Desconhecimento do Programa é quase que geral, dentro da rede estadual de onde parte o programa a maioria dos educadores que respondeu o questionário não faz ideia do que seja, apenas um que descreve de maneira bem pontual o programa e suas preocupações, para além da experiência de ter educandos não alfabetizados no 6º ano, algo que não poderia acontecer.

No início do ano, durante a formação inicial, a escola aborda a transição? Existe uma preocupação específica por parte da escola referente a essa transição? O Plano de ação da sua escola, assegura a transição do 5 para o 6 ano?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
<p>Geralmente o que é feito é destacar os alunos que vem com algum tipo de laudo (quando eles os têm) para que recebam um acompanhamento adequado uma vez que os professores de apoio para alguns casos só vão ser contratados depois das aulas terem iniciadas. São tomadas com os 6º anos algumas medidas para que se sintam acolhidos e que aos poucos se adaptem a rotina de estudos, aos horários e a convivência com os colegas.</p>	<p>Serei franco nesse aspecto: Não. Não trabalhei em colégios públicos que demonstram ou planejam a transição do quinto para o sexto ano. Aliás, me atrevo a dizer que este é um tema raríssimas vezes comentado. E estou falando de 20 anos de chão de escola com muitas turmas de sexto ano sempre. Esse ano tenho 9 turmas de sexto ano. Particularmente, tenho o interesse de fazer o mapeamento geográfico de minhas turmas e início o ano letivo com questionários dentro da metodologia proposta pela educação histórica. Isso me permite desenvolver o planejamento anual a partir de um reconhecimento histórico-social do grande perfil escolar dos estudantes. Porém, a organização escolar, por si só, não propõe uma reflexão acerca da transição desses estudantes. Nem do aspecto cognitivo e pedagógico, nem da perspectiva social e afetiva. Questões fundamentais que se colocam diante de um novo mundo que se abre diante dos jovens estudantes</p>	<p>Já houve esta discussão em alguns anos em minha escola. Sentávamo-nos com os professores do município e falávamos sobre os alunos que estavam ingressando. No entanto, já não acontece há muitos anos este tipo de encontro.</p>	<p>Na escolha de aula há um pedido para alguns professores para que peguem as turmas dessa série. Não temos orientações específicas. O estudo tem investido em aulas de apoio escolar, temos um olhar mais afetuoso com esses alunos, tentando quando possível fazer essa transição, porém, não há diálogos com as escolas das quais recebemos os alunos e nem orientações ou cursos específicos sobre isso.</p>	<p>Sim, no início do ano durante a reunião pedagógica abordamos a questão da transição. Acredito que exista essa preocupação em relação ao tema, porém, de maneira muito pontual. O tema não é abordado como questão fundamental e não é reservado um tempo adequado para a temática. Sim, o plano de ação da escola assegura a transição, mas o espaço reservado para a questão é limitado.</p>	<p>A transição é pensada, mas não é sistematizada, existe esta ênfase em deixar professores experientes no 6º ano, laudos de estudantes, mas não há conexões com as escolas do ensino fundamental I, em um dos relatos existiu no passado essas reuniões, falta tempo de preparação com a diminuição de tempo para preparar o ano letivo.</p>

Na sua experiência docente, qual a maior dificuldade nesta transição, pensando no componente de história?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
A ausência de uma boa prática de leitura e interpretação de textos. Os alunos têm tido cada vez menos acesso à leitura e no meu ponto de vista isso tem dificultado a interpretação de textos com um vocabulário específico da História e consequentemente o entendimento sobre o que estão lendo.	Particularmente, é sempre o referencial teórico-metodológico, uma vez que há grande insatisfação no arcabouço de referências. As noções temporais e espaciais, ainda recém formuladas impedem os jovens estudantes de maiores presunções cognitivas, embora isso, é possível observar a formação de consciência histórica específica pautada em experiências singulares e movimentos socializantes que se expressam em rupturas e permanências históricas. O uso diversificado de fontes históricas em sala de aula contribui para que essas manifestações ocorram.	A falta de professores da área de história ministrando aulas de história. Com profissionais de história, teríamos, muito provavelmente, uma melhora significativa no entendimento dos conceitos importantes para o ingresso do aluno no 6º ano (interpretação e narrativa histórica, por exemplo)	O tempo, o acesso a computador para dar conta das plataformas exigidas, há alunos que não estão alfabetizados, espaço escolar inadequado (muito quente) não temos espaços com brinquedos, muitas situações de bullying ou assédio dos alunos maiores sobre os menores. O abandono familiar na orientação de estudos em casa.	Em minha opinião e experiência, vejo que o principal entrave nesta transição, na disciplina de história, está na dificuldade dos alunos em desenvolver pensamentos abstratos e críticos. A leitura é compreensão textual, também é incompleta. Acredito que essa dificuldade aconteça, pela ausência de um maior debate e ações diretas no processo de transição.	Dois Grandes problemas são elencados: leitura e escrita e um estudo de história feito por especialistas, de fato a leitura e a escrita vão se desenvolver muitas das vezes no ensino fundamental II, mas a ausência de conceitos ligados ao ensino de história produzido por historiadores, poderia melhorar inclusive as questões ligadas a leitura e a escrita, sobre a visão crítica da realidade também estará ligada aos educadores que trabalham nestes anos iniciais.

Como é a sua formação continuada? A transição é trabalhada?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
Nas formações que tenho feito em sua maioria oferecidas pela SEED (formadores) eu não tive acesso a nenhum tema específico sobre a transição.	Não. Nunca participei de temáticas específicas sobre tal tema com ou entre professores dos sextos anos. As formações são pautadas em organização pré-disposta pela Seed. Normalmente, em um segundo momento, há divisão por componente curricular, nunca por segmento.	A formação atualmente serve para que os professores conheçam as plataformas, discutam como fazer para elevar índices para o governo. Não se fala em temas importantes para a prática do professor, mas para direcioná-lo, padronizando (como se fosse possível) a atuação do professor em sala de aula. A transição não é trabalhada.	obrigatoriamente os cursos formadores, que muito pouco agrega devido ao seu engessamento, não temos dispensa para cursos externos, mas sempre busco leituras sobre a minha área, metodologia, psicologia. O uso de jogos em sala e aula.	Na formação continuada, o assunto é abordado, mas como tema menor. A devida atenção para a uma temática tão importante deixa a desejar.	Neste ponto temos uma crítica pesada ao modelo de formação continuada da Secretaria de Educação do Paraná, o tema plataformização aparece e uma crítica aos formadores em ação, modelo de formação online com momentos síncronos a assíncronos de atividades e implementação de um trabalho relacionado a proposta.

Qual a maior dificuldade encontrada pelo estudante que chega do 5º ano no componente de História?					Análise
HIS A	HIS B	HIS C	HIS D	HIS E	
Dificuldade de leitura e interpretação; dificuldade em associar a história a uma ciência que produz conhecimento e a questão da temporalidade.	Compreensão de si mesmo como parte do fenômeno histórico, no tempo e no espaço.	Interpretar o tempo passado, reconhecê-lo como algo verossímil. Como não é trabalhado no quinto ano, o passado acaba parecendo ao aluno como algo distante da realidade dele, como algo que não interfere na vida dele	O uso de alguns conceitos como temporalidade, mudanças e permanências. É comum o anacronismo, dificuldade em leitura e interpretação. Análise de fontes.	Interpretação de temas abstratos e de leitura, além de dificuldade na escrita.	Falta um letramento histórico, além do letramento convencional também citado como dificuldade, temporalidade, reconhecimento de si e do outro, todos

Esta fase do trabalho aborda a experiência dos educadores do 6º ano, com ênfase na transição dos alunos do 5º para o 6º ano e o ensino de história. Os educadores enfatizam a importância de conhecer a origem dos alunos, indicando que isso facilita a adaptação dos métodos de ensino à realidade de cada estudante. No entanto, eles apontam falhas na articulação entre o estado e o município durante a transição, como a ausência de especialistas em história nos anos iniciais e a falta de comunicação efetiva entre as instituições. Essas lacunas geram uma ruptura significativa na experiência educacional dos estudantes, afetando especialmente a compreensão de conceitos históricos.

Os professores observam que, até o 5º ano, o ensino de história é limitado, muitas vezes sem a presença de professores especializados na área e focado em temas regionais e pessoais, sem aprofundamento. Isso resulta em alunos do 6º ano com conhecimentos fragmentados e dificuldades em conceitos básicos de história, interpretação textual e pensamento crítico. Nesse aspecto, a formação continuada dos professores é criticada por não abordar efetivamente a transição e por ser excessivamente focada em plataformas e métodos padronizados, sem atenção às necessidades práticas e teóricas do ensino de história. Isso reflete uma abordagem burocrática da educação que não atende às exigências do processo de aprendizagem histórica dos alunos.

Nesse sentido, educadores do 6º ano enfrentam desafios significativos na transição dos alunos, principalmente devido à falta de preparação adequada nos anos anteriores e à ausência de um currículo coeso e integrado que aborde a história de maneira eficaz e significativa. Há uma necessidade crítica de melhorar a comunicação e colaboração entre os níveis educacionais e de fornecer formação específica e relevante para os professores, a fim de garantir uma transição mais suave e um ensino de história mais eficaz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe uma grande literatura sobre o tema da transição, mas começam cada vez mais surgir pesquisadores pensando sobre o tema da transição escolar do 5° para o 6° ano, contudo, especificamente sobre o componente curricular História, não foi encontrado qualquer trabalho similar. Nesta pesquisa, debruçamo-nos sobre o campo de atuação de professores, o qual requer sensibilidade e empatia. Em Londrina, em particular, a experiência das R2 tem sido muito peculiar, pois uma segunda regente permitiu, por exemplo, que a R1 pudesse fazer hora-atividade e ministrasse os componentes de História, Geografia e Ensino Religioso sem qualquer formação básica específica. Isso jogou uma enorme responsabilidade na formação continuada que foi relatada nesta pesquisa, visando que as educadoras e os educadores atuantes nas referentes disciplinas tivessem de se especializar no ensino destes componentes. Na segunda metade do ensino fundamental, temos um professor especialista, mas que muitas vezes não tem dimensão de como é feito o ensino de história nos anos iniciais, isso está atrelado ao fato de não estarem lecionando esse componente no ensino fundamental. Este trabalho localizou uma tentativa do Estado do Paraná de tentar minimizar os problemas referentes à transição do 5° para o 6° ano, cuja estrutura educacional, frequentemente, recebe sugestões que foram colhidas e levadas em consideração. A forma com que muitas instituições e cidades realizavam e pensavam estes processos, através das práticas e experiências em determinadas circunstâncias, minimizavam os efeitos colaterais da transição. A Seed, oportunamente, colheu isto em um evento que sistematizou e colocou o sistema SERE à disposição dos professores para utilizarem instrumentos que trouxessem informações do estudante no momento da transição.

Este foi um primeiro gesto da rede estadual, mas destacamos que ainda falta, de fato, muito a se pensar para uma real efetividade. Conectar redes significa ter um calendário de aproximações realmente formalizado e com força de lei para que as instituições dialoguem e construam uma cultura que as conecte. Desse modo, visando contribuir para minimizar os possíveis problemas, cujas conexões poderiam existir em três momentos (no mínimo) e focados nas séries em transição.

Referente ao componente de história, fica evidente, desde a construção dos

currículos, que existe uma quebra, uma ruptura, primeiro na forma como os conteúdos são trabalhados, e *à posteriori*, o encontro de fato com um especialista no ensino de história. Refletir sobre essas questões pode nos permitir contribuir para pensar na melhoria do ensino do componente História e na minimização das dificuldades educacionais encontradas no ensino ofertado na cidade de Londrina, contribuindo para que em outros trabalhos também se possa pensar as especificidades do ensino de história nesta cidade no momento de transição. A partir das análises dos questionários e de uma busca por profissionais que tivessem outras formações além da pedagogia e próximas das ciências humanas, pode-se perceber uma preocupação mais específica por parte destes profissionais em relação ao ensino de história. Todavia, a formação continuada também foi muito citada para permitir que, independentemente da formação, o educador possa realizar este trabalho. Outro ponto fundamental foi encontrar referências a autores ligados à Educação Histórica e à sua citação específica no CREP. Essas referências vêm da forte relevância que a Educação Histórica tem alcançado nas últimas décadas nas universidades paranaenses.

Pensar nos educadores é, também, pensar seus vínculos com as instituições. Atualmente, no estado do Paraná, são dezenas de milhares de professores trabalhando na rede de forma precarizada, isso significa que, em muitos casos, esses professores não vão retornar no ano seguinte para a mesma instituição. Destaca-se até mesmo o cenário de instituições que têm menos de 10% de professores efetivos lotados em seu estabelecimento, assim, todos os anos, 90% dos educadores poderão ser diferentes. Em municípios de escola única, estes efeitos são minimizados, mas por se tratar de processo seletivo, existe um componente sim de aleatoriedade que pode afetar esse processo.

As narrativas dos educadores nos levam a um universo particular, daqueles que estão no chão da escola, executando todos estes processos na sala de aula e em outros espaços educativos, e apesar de todos os problemas, me deparei na pesquisa com profissionais engajados com a educação, profissionais que estão ali literalmente dando o sangue para que jovens possam alcançar seus sonhos, que possam dar sentido às suas vidas. Eu não poderia deixar de destacar isso, que para além das análises sobre a transição do quinto para o sexto ano, especificamente do componente de história, pude perceber este comprometimento com o trabalho que é

ser educador no Brasil, no estado do Paraná e em Londrina.

Ante a esta pesquisa, pretendo fazer dois movimentos que serão constantes, um em que, de forma lógica, parto do 5º para o 6º ano e vou invertendo, quase que em uma genealogia, vindo do 6º para o 5º ano, fechando assim ciclos de análises e minha saturação teórica (coleta seletiva de dados e categorização dos dados foram apresentadas nos quadros de análise dos questionários).

Quando pensamos nas narrativas dos educadores do 5º ano, percebemos a preocupação com a formação, com a preparação destes estudantes para conceber os estudos de história, mas o que se constata pelas narrativas dos professores dos 6º anos é a defasagem na leitura e na escrita, bem como a falta de letramento em história, pois os estudantes chegam sem entender conceitos básicos e praticando muitos anacronismos. Desse modo, recaímos sobre o conceito de professor especialista x pedagogo (com formação continuada). Por não termos parâmetros de experiência na rede pública, mas, em grande escala, de especialistas em história, nos deparamos com educadores com uma segunda graduação, seja em artes, geografia ou ciências sociais. Este panorama ficou explícito nos questionários que demonstraram padrões de preocupação semelhantes aos dos professores especialistas, mas no geral, os educadores e educadoras do 5º ano têm só a formação em pedagogia. Apesar das formações continuadas que foram elogiadas, apesar da presença de conceitos importantes da educação histórica nos documentos, eles não tratam de maneira profunda para além da história da educação, portanto uma das maneiras de se avançar neste ensino de história seria a contratação de historiadores para trabalhar no 4º e no 5º ano, tentando minimizar os efeitos desta transição e proporcionando aos estudantes o contato com historiadores já no ensino fundamental I.

Essa tensão (expectativa de formação dos estudantes x como esses estudantes chegam ao sexto ano) é percebida na pesquisa, os professores têm dimensão de como esses estudantes têm que chegar no 6º ano, mas os relatos dos educadores é que não tem atingido essas expectativas. Seria interessante haver até uma pesquisa com estudantes para mensurar esses efeitos de forma mais conclusiva em paralelo à narrativa dos educadores.

As narrativas dos educadores do 6º ano referente aos materiais sobre a transição são elucidadoras quanto à efetividade de políticas com baixo investimento. Não basta ter os manuais, é preciso que as práticas sejam incorporadas, e pensando que estes educadores estão ligados à Secretaria Estadual de Educação, seria de fundamental importância que estas políticas se efetivassem. Sendo assim, existe um caminho, um norte, só precisamos de mais tempo de formação continuada, algo que foi sendo reduzido gradativamente durante os últimos anos (a semana pedagógica que era de 5 dias de preparação para o ano letivo tornou-se de dois dias) onde pouco se pode articular. Por sua vez, as formações específicas foram reduzidas ao programa formadores em ação, que é à distância e conta com diversas lacunas para o seu pleno desenvolvimento, principalmente à distância das realidades dos formadores e daqueles que se inscrevem pelo estado todo. Os educadores clamam por formações presenciais e que tenham foco mais objetivo em questões maiores, para que um dia a sensação de estar trocando a roda do carro, com ele andando, cesse na formação de novas culturas escolares que integram as duas redes, proporcionando a todos nesse processo a possibilidade de um êxito maior.

Então, para além dos investimentos necessários, é importante pensar a transição e articular esse processo de modo a englobar a cultura escolar para além de capacitar os agentes. Assim, de modo que possamos rever e reavaliar esses planos e processos. A escola é um espaço que busca a gestão democrática e um espaço de pluralidade onde cada instituição vai encontrar o seu caminho. Porém, quando analisamos um componente e como este é articulado na prática em um processo amplo de transição, podemos entender as especificidades e necessidades para que esses profissionais possam minimizar os efeitos desta transição, principalmente para os estudantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. R. de. **A relação da escola com as famílias no acolhimento aos alunos que ingressam no 6o ano do Ensino Fundamental de uma escola pública.** 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Processos de ensino, gestão e inovação) Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP, 2017.

ALMEIDA, E. R. de. **A relação da escola com as famílias no acolhimento aos alunos que ingressam no 6o ano do Ensino Fundamental de uma escola pública.** 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Processos de ensino, gestão e inovação) Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP, 2017.

ANDRADE, M. **Investigação sobre a transição dos alunos do ensino fundamental I Para o Ensino Fundamental 2.** 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, 2011.

BARCA, I. A educação histórica numa sociedade aberta. In: **Currículo sem fronteira**, v. 7, n. 1, pp. 5-9, jan./jun. 2007.

BOULOS JUNIOR, A. **História sociedade & Cidadania: 6° ao 9°ano: ensino fundamental: anos finais.** São Paulo: FTD, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 09 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018a.

BRASIL. PALÁCIO DO PLANALTO. **Lei nº 11.738**, de 16 de julho de 2008. Disponível em: Acesso em:14/09/2020

CAINELLI, M. R.; THOMSON, A. B. A. Grounded Theory: conceito, desafios e os usos na Educação Histórica. **Educação Unisinos**, v.24, p. 1-19, 2020.

CAINELLI, M. R **Educação Histórica:** perspectivas de aprendizagem da história no ensino Fundamental. In: Curitiba: Editora UFPR, Educar, Curitiba, Especial, p.57-72, 2006. Editora UFPR.

CANDOTI, E. A. **Projeto Conhecer Londrina:** narrativas e saberes construídos pelas ruas da cidade. 2019. 251 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

CASSONI, C. **Transição escolar das crianças do 5o ano para o 6o ano do Ensino Fundamental.** 2017. 260f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo-USP, Ribeirão Preto-Brasil; Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto- Portugal, 2017. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-27032018-092424/publico/tese_cynthiacassoni_versao_corrigida.pdf. Acesso em: 16 maio.

2023.

CASSONI, C. **Transição escolar das crianças do 5o ano para o 6o ano do Ensino Fundamental**. 2017. 260f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo-USP, Ribeirão Preto-Brasil; Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto- Portugal, 2017.

COSTA, A. L.; OLIVEIRA, M. M. D. O ensino de história como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. **Saeculum–Revista de História**, v. 16, p. 147-160, 2007.

FELIPPI, A. C. C. **Base Nacional Comum Curricular de História no estado do Paraná: contexto de produção e conteúdo prescrito.** 123 f. Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, 2022.

GAGO, M. Concepções de passado como expressão da consciência histórica. **Currículo sem fronteira**, v7, n1, pp. 127-136, jan./jun. 2007.

GERMINARI, G. D. Educação histórica: a constituição de um campo de pesquisa. **Revista HISTEDBR on-line**, v. 11, n. 42, p. 54-70, 2011.

JAQUES, A. C. G. *et al.* **Ensino de história e formação de professores: discussões temáticas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2014.

LEITE, S. A. A passagem para a 5ª série: um projeto de intervenção. **Cadernos de Pesquisa**, n. 84, p. 31-42, 1993.

LOURENÇATO, L. C.; CAINELLI, M. O ensino de História na transição da quarta para a quinta série: tensões e perspectiva. IN: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, • São Paulo, julho 2011

MARRERA, F. M.; SOUZA, U. A. A tipologia da consciência histórica em Rügen. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, n. 6, p. 1069-1078, 2013.

OLIVEIRA, N. A. S. Isabel Barca: caminhos trilhados pela Educação Histórica. **Antíteses**, v. 5, n. 10, p. 865-874, 2012.

OLIVEIRA, S. R. F. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a história e pedagogia. **História & Ensino**, v. 9, p. 259-272, 2003.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Deliberação N.º 03/2018, de 22 de novembro de 2018. **Normas complementares que instituem o Referencial Curricular do Paraná**: princípios, direitos e orientações, com fundamento na Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil e do Ensino Fundamental e orientam a sua implementação no âmbito do Sistema Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Diário Oficial do Estado Paraná, Curitiba, 10 dez. 2018a.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. **Currículo da Rede Estadual Paranaense (Versão final)**. Curitiba: SEED/PR, 2021a. Disponível em: <https://professor.escoladigital.pr.gov.br/crep>. Acesso em 03 jan. 2022.

PARANA. Secretaria de estado da Educação e do Esporte. Documento Orientador do modelo da escola em tempo integral.-Curitiba, PR: SEED, 2023.

PARANA. Secretaria de estado da Educação e do Esporte. **Documento Orientador do modelo da escola em tempo integral**. Curitiba, PR: SEED, 2023.

PARANA. Secretaria de estado da Educação e do Esporte. **Educa juntos: transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamenta/organizado** por Ana Carolina Camargo Morello, Maurício Pastor dos Santos e Ricardo Hasper.-Curitiba, PR: SEED, 2022.

PAULA, A. P. de et al. Transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental: processo educacional de reflexão e debate. **Revista Ensaios Pedagógicos**, v. 8, n. 1, p. 33-52, 2018.

RAMOS, M. E. T. Educação Histórica: articulação orgânica entre investigação e ação. In: **XIV jornadas Interescuelas/Departamento de História de la facultade de Filosofia y Letras**. Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

RIOS, C. M. **A transição do 5º para o 6º ano numa escola pública municipal de Salvador-Ba**: dificuldades dos estudantes, contribuições familiares e apoio escolar. 164f. Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea – Salvador, 2020.

RÜSEN, Jörn. **Humanismo e didática da história**. Curitiba: WA Editores, 2015.

SOBANSKI, A. Q. Formação dos professores de história: educação histórica, pesquisa e produção de conhecimento. **História & Ensino**, v. 20, n. 2, p. 129-142, 2014.

SANTOS, O. M. A. A. **A importância das interações nas práticas pedagógicas de 4ª para 5ª série do ensino fundamental de oito anos**. 2006 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.

SCHMIDT, M. A. M.. Cultura histórica e cultura escolar: diálogos a partir da educação histórica. **História Revista**, v. 17, n. 1, 2012.

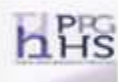
SCHMIDT, M. A. M. S.; CAINELLI, M. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira. Cultura histórica e cultura escolar: diálogos a partir da educação histórica. **História Revista**, v. 17, n. 1, 2012.

ANEXO I

AULA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
1 ^a	LÍNGUA PORTUGUESA	HISTÓRIA	PRODUÇÃO DE TEXTO	MATEMÁTICA	ARTE
2 ^a	LÍNGUA PORTUGUESA	HISTÓRIA	DESAFIOS MATEMÁTICOS	MATEMÁTICA	ARTE
	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
3 ^a	BIBLIOTECA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	GEOGRAFIA	EDUCAÇÃO FÍSICA
4 ^a	EDUCAÇÃO FÍSICA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	GEOGRAFIA	ENSINO RELIGIOSO

ANEXO II



Programa de Pós-graduação
em

História Social

Centro de Letras e Ciências Humanas -
CLCH
Departamento de História

Questionário destinado às professoras R2

Formação: Pós graduação em Educação especial e direito trabalhista.

Ano de conclusão da graduação: 2006/2016

Você atua há quanto tempo como educadora? Quais funções já desempenhou na educação? 16 anos,

Você trabalha há quanto tempo na rede municipal de ensino? 10 anos e meio no município de Ibiporã e quase 6 no município de Londrina.

Você trabalha na rede estadual de ensino? Há quanto tempo? Não, hoje só na rede municipal.

Quanto tempo você atua como R2¹⁵? Já atuou como R1¹⁶? Dentro destes 6 anos, intercalando entre R1 e R2.

Qual a importância da R2? Como eram ministradas as aulas e os conteúdos que hoje são ministrados pelas R2? Antes as aulas eram direcionadas somente nas matérias específicas de História, Geografia e ensino religioso, hoje com os parâmetros curriculares ficou possível trabalhar melhor incorporando outras matérias dentro dessas disciplinas ampliando conhecimentos e saberes aos alunos.

¹⁵ Utilizaremos a terminologia R2 para designar as educadores e educadores Regentes 2 que atuam nas disciplinas de história, geografia e ensino religioso

¹⁶ Utilizaremos a terminologia R1 para Regente principal da turma.

Como são divididos os três componentes nos planejamentos anuais? Como é rotina de trabalho da professora R2? É possível dividir em trabalhar determinadas matérias por semana por exemplo, uma semana História outra semana Geografia separando sempre uma aula por mês em Ensino religioso, seguindo as observações de planejamento para cada unidade escolar.

Existe um guia ou um parâmetro curricular em cada ano? Existe uma preocupação com a preparação dos discentes em relação aos conteúdos que serão estudados no ensino fundamental 2? Existe um parâmetro curricular certamente, não seria possível ministrar aulas sem um norte em que o professor esteja bem direcionado na construção das aulas.

Quais conteúdos de história trabalhados pela R2 no 4º e no 5º ano você mais se identifica? qual material didático é utilizado? Existe um material didático específico para cada componente? Os conteúdos que envolvem a história da criação do Estado do Paraná e o município de Londrina, sim existe um material muito rico e um projeto da Secretaria Municipal de Educação sobre a história de Londrina antigamente e nos dias atuais seu crescimento em todos os sentidos, este projeto se chama (Conhecer Londrina).

Como você vê a junção dos componentes de História, Geografia e Ensino Religioso? Você conheceu a disciplina de Estudos Sociais? O que pode dizer sobre ela? Sim, para a época que foi utilizado a matéria de Estudos Sociais foi algo bom para o momento o problema é que talvez pelo motivo de ser uma matéria carregada de vários temas, alguns assuntos deixavam de ser abordados, por isso, foi necessário e importante essa fragmentação das matérias, dando uma visão melhor para cada, e agora podemos abordar os temas separadamente e ainda implementar com as outras matérias de língua portuguesa por exemplo, sem prejudicar a sequência didática pensada para a matéria que estiver sendo trabalhada.

Quais ideias você tem sobre o Ensino de História ministrado pela R2?

Acredito que esta exploração que é feita a partir do local em que o aluno vive, faz com que o interesse na matéria seja maior, pois conhecer primeiro seu bairro, o que contribuiu para o crescimento e desenvolvimento através do tempo, é um ponto facilitador de apreciação no conhecimento da matéria de História.

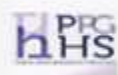
Qual a principal contribuição da R2 para o Ensino de História que será desenvolvido nos anos finais do Ensino Fundamental? O professor R2, deve ser um pesquisador constante e atento quanto ao desejo questionador que surge no aluno, a partir do

momento em que muda seu conceito da matéria e daí por diante o aluno passa a ver a matéria de História, não como uma aula obrigatória, mas sim, como a aula que ele espera ansiosamente o dia chegar para trocar informações de tudo o que descobriu e aprendeu durante a semana.

Há formação continuada específica para as professoras R2? Sim, constantemente.

Quais são as maiores dificuldades encontradas pelas R2 ao lecionar estes componentes? Você teria sugestões para o aperfeiçoamento do ensino desses componentes no 4º e no 5º ano? As maiores dificuldades ainda são a mítica de enxergar a matéria como algo obrigatório na grade Curricular e não como algo que seja colaborador para ampliação do conhecimento do aluno. Algo que eu já trabalho, talvez pela minha formação em Arte, eu sempre busco uma fixação de conteúdo, incorporando o conteúdo de história e geografia com a matéria de arte, que desperta e na forma trabalhada dificilmente eles vão esquecer o conteúdo.

ANEXO III



Programa de Pós-graduação
em

História Social

Centro de Letras e Ciências Humanas -
CLCH
Departamento de História

Questionário destinado às professoras R2

Formação: Geografia/Pedagogia

Ano de conclusão da graduação: 2005/2017

Você atua há quanto tempo como educadora? 15 anos. Quais funções já desempenhou na educação? Professora de Geografia /Professor Regente 1 /Professor de Apoio e Regente 2.

Você trabalha há quanto tempo na rede municipal de ensino? 11 anos

Você trabalha na rede estadual de ensino? Sim Há quanto tempo? 15

Quanto tempo você atua como R2¹⁷? 1 ano já atuou como R1¹⁸? 9 anos

Qual a importância da R2? Como eram ministradas as aulas e os conteúdos que hoje são ministrados pelas R2?

O R2 é importante porque compartilha com o professor regente a responsabilidade pela turma e pelos conteúdos ministrados. Outra questão relevante é que se dedica a estas disciplinas História/Geografia e Religião e seus respectivos conteúdos integralmente. Além de ampliar o tempo para que o R1 possa se dedicar ao planejamento de outras disciplinas. Eram ministradas de acordo com as possibilidades do professor e da turma e do ano que essa criança frequentava.

Como são divididos os três componentes nos planejamentos anuais? Como é a rotina

¹⁷ Utilizaremos a terminologia R2 para designar as educadoras e educadores Regentes 2 que atuam nas disciplinas de história, geografia e ensino religioso

¹⁸ Utilizaremos a terminologia R1 para o Regente principal da turma.

de trabalho da professora R2?

Os conteúdos são divididos por trimestre. Na escola que atuo minha rotina consiste em trabalhar com os alunos semanalmente, uma jornada de 4 horas por turma, onde divido o tempo entre as disciplinas de História, Geografia e Ensino Religioso.

Existe um guia ou um parâmetro curricular em cada ano? Existe uma preocupação com a preparação dos discentes em relação aos conteúdos que serão estudados no ensino fundamental 2?

Sim, os conteúdos são distribuídos por ano, a partir dos conhecimentos propostos pela Base Nacional Curricular (BNCC).

Quais conteúdos de história trabalhados pela R2 no 4º e no 5º ano você mais se identifica? Qual material didático é utilizado? Existe um material didático específico para cada componente?

Com relação ao 5º Ano o conteúdo que mais identifico: Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas. (Obs. Não tenho 4º ano).
Materiais existentes: livro didático e sequências didáticas, disponibilizadas no site da Secretaria de Educação.

Como você vê a junção dos componentes de História, Geografia e Ensino Religioso? Você conheceu a disciplina de Estudos Sociais? O que pode dizer sobre ela?

Vejo como uma opção para o trabalho dessas disciplinas no Ensino Fundamental, embora não saiba avaliar se é a melhor das opções. Mas compreendo que a separação do trabalho entre R1 e R2 propiciou que essas disciplinas fossem trabalhadas com mais afinco, fato que em outro momento eram negligências para dar maior ênfase a Português e Matemática.

Quais ideias você tem sobre o Ensino de História ministrado pela R2?

Observo que os profissionais que trabalham com R2 na maioria das vezes ficam na função por pouco tempo, então temos sempre novos professores iniciando na função, o que dificulta a formação de uma base mais “sólida” digo, com conhecimentos mais sólidos na área.

Qual a principal contribuição da R2 para o Ensino de História que será desenvolvido nos anos finais do Ensino Fundamental?

O despertar do interesse do aluno para os conteúdos da História. Um professor que goste de História e desenvolva um bom trabalho, poderá promover o encantamento do aluno por fatos históricos ou curiosidades, o que levará esse aluno a ter maior facilidade nos anos finais do Ensino Fundamental.

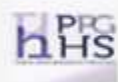
Há formação continuada específica para as professoras R2?

Existe formação continuada através de cursos que são ministrados pela Secretaria de Educação no decorrer do ano letivo.

Quais são as maiores dificuldades encontradas pelas R2 ao lecionar estes componentes? Você teria sugestões para o aperfeiçoamento do ensino desses componentes no 4º e no 5º ano?

Entre as dificuldades estão: dificuldades de leitura e interpretação de texto, há temas que são inseridos nos anos iniciais que os alunos têm pouca vivência e experiência para compreendê-los. Como sugestão: buscar tornar a História para crianças menos abstrata.

ANEXO IV



Programa de Pós-graduação
em

História Social

Centro de Letras e Ciências Humanas -
CLCH
Departamento de História

Questionário destinado às professoras R2

Formação: Pedagoga

Ano de conclusão da graduação: 2014

Você atua há quanto tempo como educadora? Quais funções já desempenhou na educação? 9 anos. Professora da educação infantil e fundamental séries iniciais.

Você trabalha há quanto tempo na rede municipal de ensino? 5 anos.

Você trabalha na rede estadual de ensino? Há quanto tempo? Não.

Quanto tempo você atua como R2¹⁹? Já atuou como R1²⁰? Na referida rede é o primeiro ano. Já atuei como R1.

Qual a importância da R2? Como eram ministrados as aulas e os conteúdos que hoje são ministrados pelas R2? Auxiliar o aluno na compreensão e análise da própria identidade e do espaço em que está inserido. Conhecimento prévio, objeto de conhecimento e objetivos de aprendizagem relacionados.

Como são divididos os três componentes nos planejamentos anuais? Como é rotina de trabalho da professora R2? Na rotina, o professor deve passar cada dia em uma turma diferente em um total de 5 turmas. O planejamento é intercalado com uma

¹⁹ Utilizaremos a terminologia R2 para designar as educadores e educadores Regentes 2 que atuam nas disciplinas de história, geografia e ensino religioso

²⁰ Utilizaremos a terminologia R1 para Regente principal da turma.

semana história para todas as turmas e na outra, geografia para todas as turmas.

Existe um guia ou um parâmetro curricular em cada ano? Existe uma preocupação com a preparação dos discentes em relação aos conteúdos que serão estudados no ensino fundamental 2? A rede disponibiliza um Componente Curricular para cada disciplina e turma. A preocupação e preparação das aulas aplicadas é constante, buscando metodologias que visam atingir os objetivos propostos.

Quais conteúdos de história trabalhados pela R2 no 4º e no 5º ano você mais se identifica? qual material didático é utilizado? Existe um material didático específico para cada componente? Com o período da escravidão na Colonização do Brasil. Fazendo uso dos livros didáticos, vídeos, imagens e outros. No componente curricular disponibilizado estão sugestões de vídeos a serem utilizados.

Como você vê a junção dos componentes de História, Geografia e Ensino Religioso? Você conheceu a disciplina de Estudos Sociais? O que pode dizer sobre ela? Vejo que estes componentes se completam. Não conheci a disciplina de Estudos Sociais.

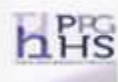
Quais ideias você tem sobre o Ensino de História ministrado pela R2? Vejo que é de suma importância individual e social do cidadão.

Qual a principal contribuição da R2 para o Ensino de História que será desenvolvido nos anos finais do Ensino Fundamental? Levar o aluno a refletir sobre os caminhos trilhados pela sociedade até os dias atuais e que ele é um agente transformador.

Há formação continuada específica para as professoras R2? Sim.

Quais são as maiores dificuldades encontradas pelas R2 ao lecionar estes componentes? Você teria sugestões para o aperfeiçoamento do ensino desses componentes no 4º e no 5º ano? Interligar na prática essas disciplinas. Creio que formações que auxiliem nas habilidades na ligação das três disciplinas.

ANEXO V



Programa de Pós-graduação
em

História Social

Centro de Letras e Ciências Humanas -
CLCH
Departamento de História

Questionário destinado às professoras R2

Formação: Ciências Sociais

Ano de conclusão da graduação: 2000

Você atua há quanto tempo como educadora? Quais funções já desempenhou na educação? Atuo há 27 anos. Já desempenhei a função de regente de 1 ao 5. Secretaria da Escola, Professora Auxiliar e contraturnista.

Você trabalha há quanto tempo na rede municipal de ensino? 27 anos.

Você trabalha na rede estadual de ensino? Há quanto tempo? 16

Quanto tempo você atua como R2²¹? Já atuou como R1²²? 5anos

Qual a importância da R2? Como eram ministradas as aulas e os conteúdos que hoje são ministrados pelas R2? É fundamental. O professor tem uma formação específica para com cursos com foco nas disciplinas e conteúdo, além de possibilitar melhor empenho no planejamento e desenvolvimento das aulas.

Como são divididos os três componentes nos planejamentos anuais? Como é rotina de trabalho da professora R2? Intercalamos as aulas de história e geografia semanalmente e ensino religioso vamos encaixando nos conteúdos de acordo com as

²¹ Utilizaremos a terminologia R2 para designar as educadoras e educadores Regentes 2 que atuam nas disciplinas de história, geografia e ensino religioso

²² Utilizaremos a terminologia R1 para Regente principal da turma.

possibilidades. Confesso que na minha realidade, religiosidade ainda é um tabu a ser desenvolvido e ampliado. Por isso vamos encaixando nos conteúdos que há possibilidades.

Existe um guia ou um parâmetro curricular em cada ano? Existe uma preocupação com a preparação dos discentes em relação aos conteúdos que serão estudados no ensino fundamental 2? Sim. A equipe da SME oferta a formação e o planejamento anual.

Quais conteúdos de história trabalhados pela R2 no 4º e no 5º ano você mais se identifica? qual material didático é utilizado? Existe um material didático específico para cada componente? Temos o livro didático, além de indicação de vídeos e livros. Como você vê a junção dos componentes de História, Geografia e Ensino Religioso? Você conheceu a disciplina de Estudos Sociais? O que pode dizer sobre ela? Não vejo como junção. As disciplinas são aplicadas de forma separada e não parece nada com estudos sociais. Agora se ocorrer uma junção a tendência será se transformar nos Estudos Sociais e a importância de cada uma se perder

Quais ideias você tem sobre o Ensino de História ministrado pela R2? De fundamental importância pois, prepara melhor o aluno, aprofunda os conteúdos, amplia os debates sobre conhecimentos históricos.

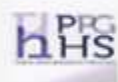
Qual a principal contribuição da R2 para o Ensino de História que será desenvolvido nos anos finais do Ensino Fundamental? Formação dos alunos mais críticos e conscientes do papel histórico.

Há formação continuada específica para as professoras R2? Sim. No último ano a formação está mais destinada aos professores iniciantes. Porém tem formação para todos os professores R2.

Quais são as maiores dificuldades encontradas pelas R2 ao lecionar estes componentes? Você teria sugestões para o aperfeiçoamento do ensino desses componentes no 4º e no 5º ano?

Como as determinações da professor/a R2 são da SME as restrições são poucas, mais relacionadas a intolerância religiosa, da escola e dos pais. (Minha escola reza pai nosso antes do hino nacional) mas na sala de aula, somos salvos pelos materiais didáticos. Mesmo sem o suporte da equipe pedagógica.

ANEXO VI



Programa de Pós-graduação
em

História Social

Centro de Letras e Ciências Humanas -
CLCH
Departamento de História

Questionário destinado às professoras R2

Formação: Pedagogia

Ano de conclusão da graduação: 2010

Você atua há quanto tempo como educadora? Quais funções já desempenhou na educação? 10anos, professora de apoio, projetos de leitura, Regente de história, geografia e artes.

Você trabalha há quanto tempo na rede municipal de ensino? 4anos

Você trabalha na rede estadual de ensino? Há quanto tempo? Municipal

Quanto tempo você atua como R2²³? Já atuou como R1²⁴? 6 anos

Qual a importância da R2? Como eram ministradas as aulas e os conteúdos que hoje são ministrados pelas R2? A abordagem do R2 no ensino fundamental e mais intencional do quando ministrada pelo professor R1.

Como são divididos os três componentes nos planejamentos anuais? Como é rotina de trabalho da professora R2? E dívida por série e conteúdos.

Existe um guia ou um parâmetro curricular em cada ano? Existe uma preocupação com a preparação dos discentes em relação aos conteúdos que serão estudados no ensino fundamental 2? Existe um parâmetro curricular Sim existe um guia que são os

²³ Utilizaremos a terminologia R2 para designar as educadores e educadores Regentes 2 que atuam nas disciplinas de história, geografia e ensino religioso

²⁴ Utilizaremos a terminologia R1 para Regente principal da turma.

parâmetros do currículo.

Quais conteúdos de história trabalhados pela R2 no 4º e no 5º ano você mais se identifica? qual material didático é utilizado? Existe um material didático específico para cada componente? Eu aprecio todos conteúdos de um modo geral. Sim existe um material para cada componente.

Como você vê a junção dos componentes de História, Geografia e Ensino Religioso? Você conheceu a disciplina de Estudos Sociais? O que pode dizer sobre ela? Ótimo. Quais ideias você tem sobre o Ensino de História ministrado pela R2?

Conhecimento específico sobre os conteúdos

Qual a principal contribuição da R2 para o Ensino de História que será desenvolvido nos anos finais do Ensino Fundamental? A base que garante a compreensão dos conteúdos.

Há formação continuada específica para as professoras R2? Sim.

Quais são as maiores dificuldades encontradas pelas R2 ao lecionar estes componentes? Você teria sugestões para o aperfeiçoamento do ensino desses componentes no 4º e no 5º ano? Um material didático mais próximo da sua vivência, cultura.

ANEXO VI HISTÓRIA – 4º ANO UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos	A ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras	<p>(EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.</p> <p>(EF04HI02) Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).</p>
	O passado e o presente: a noção de permanência e as lentas transformações sociais e culturais	(EF04HI03) Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.

Circulação de pessoas, produtos e culturas	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural	<p>(EF04HI04) Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas.</p> <p>(EF04HI05) Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.</p>
	A invenção do comércio e a circulação de produtos	(EF04HI06) Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.
	As rotas terrestres, fluviais e marítimas e seus impactos para a formação de cidades e as transformações do meio natural	(EF04HI07) Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.
	O mundo da tecnologia: a integração de pessoas e as exclusões sociais e culturais	(EF04HI08) Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

As questões históricas relativas às migrações	<p>O surgimento da espécie humana no continente africano e sua expansão pelo mundo</p>	<p>(EF04HI09) Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.</p>
	<p>Os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos Os processos migratórios do final do século XIX e início do século XX no Brasil As dinâmicas internas de migração no Brasil a partir dos anos 1960</p>	<p>(EF04HI10) Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. (EF04HI11) Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).</p>

HISTÓRIA – 5º ANO

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
<p>Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social</p>	<p>O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados</p>	<p>(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.</p>
	<p>As formas de organização social e política: a noção de Estado</p>	<p>(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.</p>
	<p>O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos</p>	<p>(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.</p>
	<p>Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas</p>	<p>(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos. (EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.</p>

Registros da história: linguagens e culturas	<p>As tradições orais e a valorização da memória</p> <p>O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias</p>	<p>(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.</p> <p>(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.</p> <p>(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.</p> <p>(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.</p>
	<p>Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade</p>	<p>(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.</p>

ANEXO VII

HISTÓRIA – 6º ANO

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
História: tempo, espaço e formas de registros	A questão do tempo, sincronias e diacronias: reflexões sobre o sentido das cronologias	(EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas).
	Formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico	(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.

	<p>As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização</p>	<p>(EF06HI03) Identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação.</p> <p>(EF06HI04) Conhecer as teorias sobre a origem do homem americano.</p> <p>(EF06HI05) Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas.</p> <p>(EF06HI06) Identificar geograficamente as rotas de povoamento no território americano.</p>
<p>A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades</p>	<p>Povos da Antiguidade na África (egípcios), no Oriente Médio (mesopotâmicos) e nas Américas (pré-colombianos)</p> <p>Os povos indígenas originários do atual território brasileiro e seus hábitos culturais e sociais</p>	<p>(EF06HI07) Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades.</p> <p>(EF06HI08) Identificar os espaços territoriais ocupados e os aportes culturais, científicos, sociais e econômicos dos astecas, maias e incas e dos povos indígenas de diversas regiões brasileiras.</p>

	O Ocidente Clássico: aspectos da cultura na Grécia e em Roma	(EF06HI09) Discutir o conceito de Antiguidade Clássica, seu alcance e limite na tradição ocidental, assim como os impactos sobre outras sociedades e culturas.
Lógicas de organização política	<p>As noções de cidadania e política na Grécia e em Roma</p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínios e expansão das culturas grega e romana • Significados do conceito de “império” e as lógicas de conquista, conflito e negociação dessa forma de organização política <p>As diferentes formas de organização política na África: reinos, impérios, cidades-estados e sociedades linhageiras ou aldeias</p>	<p>(EF06HI10) Explicar a formação da Grécia Antiga, com ênfase na formação da pólis e nas transformações políticas, sociais e culturais.</p> <p>(EF06HI11) Caracterizar o processo de formação da Roma Antiga e suas configurações sociais e políticas nos períodos monárquico e republicano.</p> <p>(EF06HI12) Associar o conceito de cidadania a dinâmicas de inclusão e exclusão na Grécia e Roma antigas.</p> <p>(EF06HI13) Conceituar “império” no mundo antigo, com vistas à análise das diferentes formas de equilíbrio e desequilíbrio entre as partes envolvidas.</p>
	<p>A passagem do mundo antigo para o mundo medieval</p> <p>A fragmentação do poder político na Idade Média</p>	(EF06HI14) Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços.

	O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio	(EF06HI15) Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado.
Trabalho e formas de organização social e cultural	Senhores e servos no mundo antigo e no medieval Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África) Lógicas comerciais na Antiguidade romana e no mundo medieval	(EF06HI16) Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos. (EF06HI17) Diferenciar escravidão, servidão e trabalho livre no mundo antigo.
	O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média	(EF06HI18) Analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de organização social no período medieval.
	O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval	(EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais.

ANEXO XVIII

HISTÓRIA – 4.º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO(S)	TRIMESTRE
Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos.	A ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras.	PR.EF04HI01.s.4.01	Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.	A humanidade na História.	1º
		PR.EF04HI01.d.4.02	Identificar-se como sujeito histórico.		
		PR.EF04HI02.s.4.03	Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).		
		PR.EF04HI02.d.4.04	Associar as necessidades humanas ao processo de sedentarização e ao surgimento das primeiras comunidades/sociedades.		
As questões históricas relativas às migrações	O surgimento da espécie humana no continente africano e sua expansão pelo mundo.	PR.EF04HI09.s.4.05	Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.	Processos migratórios e os primeiros grupos humanos.	
Circulação de pessoas, produtos e culturas.	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural.	PR.EF04HI04.s.4.06	Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas.	Povos indígenas.	
		PR.EF04HI04.d.4.07	Reconhecer os povos indígenas como primeiros habitantes das terras brasileiras.		
		PR.EF04HI04.c.4.08	Reconhecer Kaingang, Guarani e Xetá como povos indígenas paranaenses, comparando a realidade dos mesmos no presente e no passado.		

HISTÓRIA - 4.º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO(S)	TRIMESTRE
Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos	O passado e o presente: a noção de permanência e as lentas transformações sociais e culturais.	PR.EF04HI03.s.4.09	Identificar as transformações ocorridas na cidade e no campo ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.		
Circulação de pessoas, produtos e culturas	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural	PR.EF04HI05.a.4.10	Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções para a população e o meio ambiente.	Modo de vida no campo e na cidade em diferentes temporalidades.	2º
		PR.EF04HI05.d.4.11	Compreender as razões da luta pela posse da terra em diferentes contextos espaciais e temporais.		
	A invenção do comércio e a circulação de produtos.	PR.EF04HI06.s.4.12	Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.	O trabalho e a exploração da mão de obra escrava.	
		PR.EF04HI06.c.4.13	Pesquisar sobre a utilização do trabalho escravo no estado do Paraná e a resistência dos escravizados.		

HISTÓRIA – 4.º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO(S)	TRIMESTRE
Circulação de pessoas, produtos e culturas	As rotas terrestres, fluviais e marítimas e seus impactos para a formação de cidades e as transformações do meio natural.	PR.EF04HI07.s.4.14	Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.	Caminhos, transportes e atividades econômicas na formação do Estado do Paraná.	2º
		PR.EF04HI07.d.4.15	Identificar as transformações ocorridas nos meios de transporte e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.		
		PR.EF04HI07.c.4.16	Identificar a extração da madeira, a mineração, o tropeirismo e a exploração da erva-mate entre as primeiras atividades econômicas exploradas no Paraná, além do impacto das mesmas para o meio ambiente e para o surgimento das cidades.		
		PR.EF04HI07.c.4.17	Relacionar os símbolos oficiais do Paraná à história do Estado.		
	O mundo da tecnologia: a integração de pessoas e as exclusões sociais e culturais.	PR.EF04HI08.s.4.18	Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.	Comunicação e sociedade.	

HISTÓRIA – 4.º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO(S)	TRIMESTRE
Questões históricas relativas às migrações	Os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos.	PR.EF04HI10.a.4.19	Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira, reconhecendo a diversidade étnica e cultural que formou a população paranaense.	Formação da sociedade brasileira/paranaense.	3º
		PR.EF04HI10.c.4.20	Compreender como se deu a chegada dos portugueses e africanos às terras brasileiras e à localidade paranaense associando à exploração das terras e recursos.		
		PR.EF04HI10.d.4.21	Compreender as razões da luta pela posse da terra em diferentes contextos espaciais e temporais.		
	Processos migratórios do final do século XIX e início do século XX no Brasil	PR.EF04HI11.s.4.22	Analisar, na sociedade em que vive a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).	Impacto dos movimentos migratórios na sociedade brasileira.	
	As dinâmicas internas de migração no Brasil a partir dos anos 1960	PR.EF04HI11.c.4.23	Pesquisar e conhecer aspectos atuais da sociedade paranaense (população, trabalho, economia, educação, cultura, entre outros).	Impacto dos movimentos migratórios internos no Estado do Paraná.	
		PR.EF04HI11.c.4.24	Conhecer as principais festas e manifestações artísticas e culturais do Paraná.		

HISTÓRIA – 5.º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO(S)	TRIMESTRE
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados.	PR.EF05HI01.s.5.01	Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.	Nomadismo e sedentarismo na formação das primeiras sociedades.	1º
		PR.EF05HI01.d.5.02	Diferenciar os processos de nomadismo e sedentarismo.		
		PR.EF05HI01.d.5.03	Entender a migração como deslocamento populacional pelo espaço geográfico, identificando a importância da mobilidade e da fixação para a sobrevivência do ser humano.		
		PR.EF05HI01.d.5.04	Reconhecer os povos indígenas como primeiros habitantes do território brasileiro e as relações de trabalho que se estabeleceram com chegada dos portugueses.	Relações de trabalho e cultura no processo de formação da população brasileira.	
		PR.EF05HI01.c.5.05	Conhecer o processo de colonização das terras brasileiras, especialmente do território paranaense.		
		PR.EF05HI01.c.5.06	Conhecer e valorizar a cultura dos povos indígenas, africanos e europeus que formaram a população brasileira e do Estado do Paraná.		
	As formas de organização social e política: a noção de Estado.	PR.EF05HI02.s.5.07	Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.	Formação, organização e estrutura do Estado.	
		PR.EF05HI02.d.5.08	Relacionar a disputa por terras férteis à garantia de sobrevivência e poder de um grupo sobre outro, originando o governo de um território.		
		PR.EF05HI02.d.5.09	Discutir e compreender a necessidade de regras e leis para vivermos em sociedade.		

HISTÓRIA – 5.º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO(S)	TRIMESTRE
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	As formas de organização social e política: a noção de Estado.	PR.EF05HI02.d.5.10	Entender como se deu a chegada dos portugueses ao Brasil e a organização do sistema de governo durante o período colonial brasileiro.	Organização política e econômica no Brasil Colônia.	1º
		PR.EF05HI02.d.5.11	Conhecer as primeiras formas de exploração econômica no território brasileiro: extração do pau-brasil, cana-de-açúcar, mineração e mão-de-obra escravizada.		
		PR.EF05HI02.c.5.12	Analisar a história do Brasil em diferentes períodos, destacando relações de poder, cultura e trabalho a partir de fontes históricas e da articulação entre o contexto local e/ou regional.		
	O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos	PR.EF05HI03.a.5.13	Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos, respeitando as diferenças.	Diversidade cultural dos povos antigos.	2º
		PR.EF05HI03.d.5.14	Compreender que existem pessoas que não participam de manifestações religiosas.		
		PR.EF05HI03.c.5.15	Conhecer festas populares no Paraná e/ou no Brasil e contextos de origem.	Diversidade cultural no Paraná.	
		PR.EF05HI03.c.5.16	Conhecer povos e comunidades tradicionais do Paraná e suas relações de trabalho.		

HISTÓRIA – 5.º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO(S)	TRIMESTRE
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas.	PR.EF05HI04.s.5.17	Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.	Cidadania e diversidade: respeito às diferenças, manifestações e direitos sociais.	
		PR.EF05HI04.d.5.18	Pesquisar e conhecer a importância de revoltas coloniais como Inconfidência Mineira e Conjuração Baiana no processo de independência do Brasil e de libertação da população escravizada.		
		PR.EF05HI04.d.5.19	Conhecer direitos sociais conquistados pela luta de muitos cidadãos brasileiros e que fazem parte do nosso cotidiano.		
		PR.EF05HI04.d.5.20	Conhecer os símbolos nacionais relacionando-os à história do país.		
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas	PR.EF05HI05.s.5.21	Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos, das sociedades e diferentes grupos, compreendendo-o como conquista histórica.	Cidadania e diversidade no Paraná: manifestações e direitos sociais.	2º
		PR.EF05HI05.c.5.22	Reconhecer grupos de imigrantes e migrantes que formam a população da cidade, do estado e/ou do país e suas contribuições.		
		PR.EF05HI05.c.5.23	Conhecer, respeitar e valorizar as diferenças étnicas, regionais, ambientais e culturais que caracterizam o território paranaense relacionando-as aos movimentos migratórios.		
		PR.EF05HI05.c.5.24	Conhecer elementos que caracterizam conflitos, como por exemplo, a Guerra do Contestado, Guerra de Porecatu e Levante dos Posseiros de 1957, relacionando-os a movimentos de luta pela posse da terra.		
		PR.EF05HI05.c.5.25	Conhecer e valorizar espaços e formas de resistência da população negra paranaense, por meio das comunidades de remanescentes quilombolas, clubes negros e manifestações culturais.		

HISTÓRIA – 5.º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO(S)	TRIMESTRE
Registros da história: linguagens e culturas.	As tradições orais e a valorização da memória.	PR.EF05HI06.s.5.26	Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.	Comunicação e registros de memória.	3º

HISTÓRIA – 5.º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO(S)	TRIMESTRE
Registros da história: linguagens e culturas.	As tradições orais e a valorização da memória.	PR.EF05HI07.s.5.28	Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.	Comunicação e registros de memória.	3*
		PR.EF05HI07.d.5.29	Reconhecer a influência dos meios de comunicação nos marcos comemorativos da sociedade.		
		PR.EF05HI08.s.5.30	Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.	Marcação da passagem do tempo em distintas sociedades (calendários e outras formas de marcar o tempo).	
		PR.EF05HI08.d.5.31	Reconhecer os profissionais que trabalham na escola e papéis que desempenham.		
		PR.EF05HI08.d.5.32	Conhecer e respeitar o patrimônio e a diversidade cultural, entendendo-os como direito dos povos e sociedades.		
		PR.EF05HI09.s.5.33	Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.		
	Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.	PR.EF05HI10.a.5.34	Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade, do Brasil e do Paraná, analisando mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo, desenvolvendo ações de valorização e respeito.	Patrimônios históricos e culturais - materiais e imateriais.	
		PR.EF05HI10.d.5.35	Compreender o significado de tombamento histórico.		

HISTÓRIA – 6º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO	ORIENTAÇÕES DE CONTEÚDOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM (HABILIDADES)	TRIMESTRE
História: tempo, espaço e formas de registros.	A questão do tempo, sincronias, anacronias e diacronias: reflexões sobre o sentido das cronologias.	História e tempo Calendários	PR. EFO6HI01. a. 6. 01 Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades, rupturas, simultaneidades e permanências) entre as diversas sociedades antigas (povos do Oriente e do Ocidente) e entender o tempo cronológico como construção humana.	1º
História: tempo, espaço e formas de registros.	A experiência humana no tempo.	Cultura caiçara Os faxinalenses As comunidades quilombolas	PR. EFO6HI01. d. 6. 02 Comparar e compreender as mudanças e as permanências das paisagens e suas influências nos hábitos das populações do campo em diferentes épocas.	1º
História: tempo, espaço e formas de registros.	A experiência humana no tempo.	Fontes e a construção do conhecimento histórico: - a noção de fonte histórica; - o papel das fontes na construção do conhecimento histórico; - noções de patrimônio histórico-cultural	PR. EFO6HI02. a. 6. 03 Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas, compreendendo fontes e documentos como patrimônio histórico material e imaterial como fonte de pesquisa e de conhecimento científico.	1º
História: tempo, espaço e formas de registros.	A experiência humana no tempo.	História e memória: Noções do conceito de memória	PR. EFO6HI02. a. 6. 04 Compreender a concepção de memória, relacionando aos lugares de memória e analisando a memória individual e coletiva no âmbito local, regional e nacional.	1º
História: tempo, espaço e formas de registros.	As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização.	Os primeiros povoadores da Terra: origem do ser humano	PR. EFO6HI03. a. 6. 05 Identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação, a partir de diferentes vozes do Oriente e Ocidente.	1º
História: tempo, espaço e formas de registros.	As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização.	As teorias (hipóteses) sobre a chegada do ser humano à América: - Estreito de Bering - Travessia do Oceano Pacífico	PR. EFO6HI04. s. 6. 06 Conhecer as teorias sobre a origem do homem americano.	1º

HISTÓRIA – 6º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO	ORIENTAÇÕES DE CONTEÚDOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM (HABILIDADES)	TRIMESTRE
História: tempo, espaço e formas de registros.	As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização.	Povos dos sambaquis	PR. EFO6HI04. c. 6. 07 Analisar e problematizar a origem dos sambaquis nos litorais de onde se localiza o atual Estado do Paraná e também das demais localidades que possuem vestígios desses materiais.	1º
História: tempo, espaço e formas de registros.	As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização.	Povos originários de Lagoa Santa Povos da Serra da Capivara Tradições ceramistas e agrícolas dos povos originários amazônicos Povo de Umbu	PR. EFO6HI05. a. 6.08 Descrever e problematizar as modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas e impostas por outras culturas ao longo do tempo, na perspectiva da cosmovisão do Oriente e Ocidente. PR. EFO6HI06. s. 6. 09 Identificar histórica e geograficamente as rotas de povoamento no território americano.	1º
A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades.	Povos da Antiguidade na África (egípcios), no Oriente Médio (mesopotâmicos) e nas Américas (pré-colombianos).	Egito Antigo Reino Kush Mesopotâmia Hebreus Fenícios Persas Povos originários da América: Maias Astecas e Incas.	PR. EFO6HI07. a. 6. 10 Identificar e compreender aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais nas diferentes formas de registro das sociedades antigas da África, do Oriente Médio, da Ásia e das Américas, distinguindo alguns significados e o legado presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades.	2º
A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades.	Os povos indígenas originários do atual território brasileiro e seus hábitos culturais e sociais.	Povos originários do Brasil e do Paraná	PR. EFO6HI08. c. 6. 11 Identificar e analisar os espaços territoriais ocupados e os aportes culturais, científicos, sociais e econômicos dos astecas, maias e incas e dos povos indígenas (povos originários pré-colombianos) que habitaram e habitam o território do Paraná atual e do Brasil.	2º

HISTÓRIA – 6º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO	ORIENTAÇÕES DE CONTEÚDOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM (HABILIDADES)	TRIMESTRE
A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades.	O Ocidente clássico: aspectos da cultura, política e economia na Grécia e em Roma.	Mundo grego e a democracia.	PR. EFO6HI09. s. 6. 12 Discutir o conceito de Antiguidade Clássica – Oriente e Ocidente, seu alcance e limite na tradição ocidental, assim como os impactos políticos, sociais e econômicos sobre outras sociedades e culturas.	2º
Lógicas de organização política, trabalho e formas de organização social e cultural.	O Ocidente clássico: aspectos da cultura, política e economia na Grécia e em Roma.	As noções de cidadania e política na Grécia e em Roma. Domínios e expansão das culturas grega e romana. Significados do conceito de "império" e as lógicas de conquista, conflito e negociação dessa forma de organização política.	PR. EFO6HI10. s. 6. 13 Explicar a formação da Grécia Antiga, com ênfase na formação da polis e nas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, relacionadas às influências nas sociedades atuais. PR. EFO6HI11. a. 6. 14 Caracterizar o processo de formação da Roma Antiga e suas configurações sociais e políticas nos períodos monárquico e republicano, compreendendo as transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, compreendendo as influências nas sociedades atuais. PR. EFO6HI12. a. 6.15 Associar e contextualizar o conceito de cidadania a dinâmicas de inclusão e exclusão na Grécia e Roma antigas, bem como a compreensão da influência na construção da cidadania brasileira.	2º
Lógicas de organização política.	Significados do conceito de "império" e as lógicas de conquista, conflito e negociação dessa forma de organização política. As diferentes formas de organização política na África: reinos, impérios, cidades-estados etc. A passagem do mundo antigo para o mundo medieval.	Roma: Monarquia, República e Império	PR. EFO6HI12. a. 6. 16 Problematicar as relações de poder e trabalho na Grécia e Roma antigas nas políticas de expansão territorial com a escravização dos povos dominados. PR. EFO6HI13. a. 6. 17 Entender o conceito "império" no mundo antigo, problematizando as influências helênicas advindas das colonizações e dominações de povos, com vistas à análise das diferentes formas de equilíbrio e desequilíbrio entre as partes envolvidas. PR. EFO6HI14. a. 6. 18 Identificar e analisar diferentes formas de contato, resistências, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços, compreendendo as rupturas do poder político e econômico entre o mundo antigo para o	3º

HISTÓRIA – 6º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO	ORIENTAÇÕES DE CONTEÚDOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM (HABILIDADES)	TRIMESTRE
	A fragmentação do poder político na Idade Média.		mundo medieval, incluindo contraposições, conexões e trocas que se estabeleceram entre Ocidente e Oriente ao longo desses séculos.	
Lógicas de organização política.	O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio. A cultura local e a cultura comum.	Dominios e expansão das culturas grega e romana. Significados do conceito de "império" e as lógicas de conquista, conflito e negociação dessa forma de organização política. O Império Romano Povos Culturais nas terras banhadas pelo Mar Mediterrâneo.	PR. EFO6HI15. a. 6. 19 Descrever e compreender as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturais no Mediterrâneo, seu significado, bem como as influências e trocas no campo científico do Oriente com Ocidente. PR. EFO6HI5. d. 6. 20 Reconhecer e analisar as manifestações de conhecimento científico nos contextos da antiguidade Clássica e Medieval.	3º
Trabalho e formas de organização social e cultural.	Senhores e servos no mundo antigo e no medieval.	O Feudalismo: sociedade, cultura e religião.	PR. EFO6HI16. s. 6. 21 Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos. PR. EFO6HI17. a. 6. 22 Diferenciar e problematizar as relações de trabalho escravo, servil e trabalho livre no mundo antigo e medieval, bem como as formas de resistências, estabelecendo relações temporais entre passado-presente. PR. EFO6HI18. s. 6. 23 Analisar o papel da religião cristã na cultura Ocidental e Oriental e nos modos de organização social e político no período medieval. PR. EFO6HI18. d. 6. 24 Identificar e compreender as diferentes manifestações religiosas no mundo medieval do Oriente e Ocidente.	3º

HISTÓRIA – 6º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO	ORIENTAÇÕES DE CONTEÚDOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM (HABILIDADES)	TRIMESTRE
Lógicas de organização política, trabalho e formas de organização social e cultural.	Senhores e servos no mundo antigo e no medieval.	Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África). Lógicas comerciais na Antiguidade romana e no mundo medieval.	PR. EFO6HI19. a. 6. 25 Descrever e analisar os diferentes papéis sociais e econômicos das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais, bem como compreender os interesses na exclusão das mulheres em diferentes esferas políticas e de trabalho e as consequências dessas relações na contemporaneidade.	3º

ANEXO IX - QUESTIONÁRIOS COM EDUCADORES 6º ANOS

Programa de Pós-graduação
em

História Social

Centro de Letras e Ciências Humanas -
CLCH
Departamento de História

Questionário destinado a educadores e educadoras que atuam na disciplina de história e no sexto ano do ensino fundamental, que contribuirá com a pesquisa sobre a transição do quinto para o sexto ano.

R1: Esse ano estou trabalhando em 4 colégios públicos no município de Cambé e um colégio privado no município de Rolândia. Em Cambé, as crianças são oriundas de várias escolas municipais da cidade. Cito algumas: Isaura Ferreira Neves, Consolidação Monte Hernandez, Jacídio Correia, Lucia Barros e Alcenira Ribeiro de Castro.

R2: Sempre há a possibilidade de novas rearticulações a partir de reflexões que possam otimizar as relações sociais no campo da educação pública. O desafio é compreender as expectativas e necessidades da comunidade escolar a partir da organização proposta pela administração da educação pública no Paraná. De forma geral, parece satisfatório o processo mediante distribuição geográfica, as questões étnicas e de classes merecem atenção mais detalhada.

R3: Conheço a matriz curricular e alguns livros didáticos utilizados nos municípios do Paraná, unidades temáticas, objetos de conhecimento e objetivos de aprendizagem.

R4: O ensino de história é limitado a poucas horas semanais, com professor (a) específico e pautado em unidades temáticas que levam em consideração a percepção da criança no mundo, seus referenciais espaciais e temporais, tais como o bairro, o lugar onde vive, a cidade.

R5: Sim, já acessei o sistema SERE, tendo contato com os relatórios dos alunos ingressantes.

R6: Sim. Já participei de formações que abordaram o tema. A pandemia gerou uma série de problemas em relação ao processo de alfabetização. De 2020 para cá, a incidência de estudantes não alfabetizados no sexto ano passou a ser algo normalizado nos colégios públicos. Estamos em outubro e tenho pelo menos 2 estudantes em minhas turmas que não estão alfabetizados. Diante disso, a tentativa de aproximação entre educação estadual e educação municipal através da lei estadual pode render bons resultados para nossos estudantes.

R7: Serei franco nesse aspecto: Não. Não trabalhei em colégios públicos que demonstram ou planejam a transição do quinto para o sexto ano. Aliás, me atrevo a dizer que este é um tema raríssimas vezes comentado. E estou falando de 20 anos de chão de escola com muitas turmas de sexto ano sempre. Esse ano tenho 9 turmas de sexto ano. Particularmente, tenho o interesse de fazer o mapeamento geográfico de minhas turmas e início o ano letivo com questionários dentro da metodologia proposta pela educação histórica. Isso me permite desenvolver o planejamento anual a partir de um reconhecimento histórico-social do grande perfil escolar dos estudantes. Porém, a organização escolar, por si só, não propõe uma reflexão acerca da transição desses estudantes. Nem do aspecto cognitivo e pedagógico, nem da perspectiva social e afetiva. Questões fundamentais que se colocam diante de um novo mundo que se abre diante dos jovens estudantes

R8: Particularmente, é sempre o referencial teórico-metodológico, uma vez que há grande insatisfação no arcabouço de referências. As noções temporais e espaciais, ainda recém formuladas impedem os jovens estudantes de maiores presunções cognitivas, embora isso, é possível observar a formação de consciência histórica específica pautada em experiências singulares e movimentos socializantes que se expressam em rupturas e permanências históricas. O uso diversificado de fontes históricas em sala de aula contribui para que essas manifestações ocorram.

R9: Não. Nunca participei de temáticas específicas sobre tal tema com ou entre professores dos sextos anos. As formações são pautadas em organização pré-disposta pela Seed. Normalmente, em um segundo momento, há divisão por componente curricular, nunca por segmento.

R10: Compreensão de si mesmo como parte do fenômeno histórico, no tempo e no espaço.

ANEXO X



Programa de Pós-graduação
em

História Social

Centro de Letras e Ciências Humanas -
CLCH
Departamento de História

Questionário destinado a educadores e educadoras que atuam na disciplina de história e no sexto ano do ensino fundamental, que contribuirá com a pesquisa sobre a transição do quinto para o sexto ano.

R1: Escolas Municipal Carlos Dietz. Escola Municipal Mercedes Martins Madureira
Não conheço as escolas

R2: Ela praticamente não existe. Na maioria das vezes os alunos recebem a carta de matrícula e não recebemos nenhuma informação além dos dados básicos deles. Em alguns poucos casos a escola municipal encaminha os laudos ou relatórios do trabalho realizado com alunos que tem algum tipo de atendimento especial (sala de recurso, sala de reforço etc.). De maneira geral quando fazemos uma avaliação diagnóstica é que detectamos os problemas apresentados por esses alunos.

R3: Sim.

R4: Não tenho conhecimento com profundidade. Sei que é ministrado por professores em sua maioria sem formação específica em História em poucas aulas semanais.

R5: Não. No Colégio geralmente é a secretaria que faz esse trabalho com a solicitação da equipe pedagógica.

R6: Não conheço.

R7: Geralmente o que é feito é destacar os alunos que vem com algum tipo de laudo (quando eles os têm) para que recebam um acompanhamento adequado uma vez que os professores de apoio para alguns casos só vão ser contratados depois das aulas terem iniciadas. São tomadas com os 6º anos algumas medidas para que se sintam acolhidos e que aos poucos se adaptem a rotina de estudos, aos horários e a convivência com os colegas.

R8: A ausência de uma boa prática de leitura e interpretação de textos. Os alunos têm tido cada vez menos acesso à leitura e no meu ponto de vista isso tem dificultado a interpretação de textos com um vocabulário específico da História e consequentemente o entendimento sobre o que estão lendo.

R9: Nas formações que tenho feito em sua maioria oferecidas pela SEED (formadores) eu não tive acesso a nenhum tema específico sobre a transição.

R10: Dificuldade de leitura e interpretação; dificuldade em associar a história a uma ciência que produz conhecimento e a questão da temporalidade

ANEXO XI



Programa de Pós-graduação
em

História Social

Centro de Letras e Ciências Humanas -
CLCH
Departamento de História

Questionário destinado a educadores e educadoras que atuam na disciplina de história e no sexto ano do ensino fundamental, que contribuirá com a pesquisa sobre a transição do quinto para o sexto ano.

R1: E.M. San Izidro

R2: A meu ver, esta transição se dá de forma um tanto quanto problemática. Falando especificamente da minha área, história, os alunos chegam com poucos pré-requisitos para o ingresso no 6º ano. Muitos conceitos essenciais para o estudo de história são negligenciados pelo currículo do ensino fundamental nos primeiros anos. Vejo a culpa disso no currículo que trabalha de forma superficial os conceitos de história. Além disso, acredito que seria importante a presença de um professor formado em história para ministrar as aulas nos primeiros anos do fundamental

R3: Sim.

R4: Acredito que possui bons objetivos de conhecimento, mas que deveriam ser trabalhados por profissionais de história e não de pedagogia. No entanto, existem vários estudos na área do ensino de história que tratam dos primeiros anos do fundamental, que aprofundam os conceitos históricos. Acredito que faltam nos alunos que ingressam no 6º ano o conhecimento de conceitos de história básicos, como narrativa histórica, interpretação histórica e empatia histórica. Os estudos demonstram que já nesta idade é possível para os alunos apreendê-los.

R5: Não.

R6: Não.

R7: Já houve esta discussão em alguns anos em minha escola. Sentávamos com os professores do município e falávamos sobre os alunos que estavam ingressando. No entanto, já não acontece há muitos anos este tipo de encontro.

R8: A falta de professores da área de história ministrando aulas de história. Com profissionais de história, teríamos, muito provavelmente, uma melhora significativa no entendimento dos conceitos importantes para o ingresso do aluno no 6º ano (interpretação e narrativa histórica, por exemplo)

R9: A formação atualmente serve para que os professores conheçam as plataformas, discutam como fazer para elevar índices para o governo. Não se fala em temas importantes para a prática do professor, mas para direcioná-lo, padronizando (como se fosse possível) a atuação do professor em sala de aula. A transição não é trabalhada.

R10: Interpretar o tempo passado, reconhecê-lo como algo verossímil. Como não é trabalhado no quinto ano, o passado acaba parecendo ao aluno como algo distante da realidade dele, como algo que não interfere na vida dele

ANEXO XII



Programa de Pós-graduação
em

História Social

Centro de Letras e Ciências Humanas -

CLCH

Departamento de História

Questionário destinado a educadores e educadoras que atuam na disciplina de história e no sexto ano do ensino fundamental, que contribuirá com a pesquisa sobre a transição do quinto para o sexto ano.

R1: Recebemos em sua maioria de escolas da Zona Oeste: Corveta Camaquã, Carlos Dietz, Melvin Jones, João XXIII, Nina Gardeman.

R2: não há articulação visível nesse processo de transição, na verdade é uma ruptura. no estado há uma orientação que professor4es com experiência no fundamental 2 ou com mais habilidade sejam convidados a pegar essa série.

R3: superficialmente, temos acesso aos documentos norteadores, mas em conversas com os alunos muitos parecem não ter tido os conteúdos. enquanto outros já possuem um conhecimento mais aprofundado sobre os conceitos básicos, par4ece que depende mais do professor que tiveram.

R4: honestamente não sei, pelos relatos dos alunos há escolas que dividem as turmas por áreas de conhecimento tendo, portanto, mais de um professor regente. sei que há orientação sobre como trabalhar a história local a partir de roteiros pedagógicos, assim como há investimentos em formação para temas como alfabetização racial/ étnica(?). mas assim como tem ocorrido no próprio estado em anos do saeb, há uma preocupação com a recomposição de conteúdos da língua portuguesa e matemática.

R5: nunca acessei o sistema sere, somos orientados quanto aos alunos com necessidade educacionais especiais: autismo, transtornos globais deficiência física, visual ou auditiva. também recebemos os alunos com altas habilidades.

R6: não conheço e nunca participei de formação

R7: na escolha de aula há um pedido para alguns professores para que peguem as turmas dessa série. não temos orientações específicas. o estudo tem investido em aulas de apoio escolar, temos um olhar mais afetuoso com esses alunos, tentando quando possível fazer essa transição, porém, não há diálogos com as escolas das quais recebemos os alunos e nem orientações ou cursos específicos sobre isso.

R8: O tempo, o acesso a computador para dar conta das plataformas exigidas, há alunos que não estão alfabetizados, espaço escolar inadequado (muito quente) não temos espaços com brinquedos, muitas situações de bullying ou assédio dos alunos maiores sobre os menores. O abandono familiar na orientação de estudos em casa

R9: obrigatoriamente os cursos formadores, que muito pouco agrega devido ao seu engessamento, não temos dispensa para cursos externos, mas sempre busco

leituras sobre a minha área, metodologia, psicologia. O uso de jogos em sala e aula.

R10: o uso de alguns conceitos como temporalidade, mudanças e permanências. é comum o anacronismo, dificuldade em leitura e interpretação. análise de fontes.

ANEXO XIII



Questionário destinado a educadores e educadoras que atuam na disciplina de história e no sexto ano do ensino fundamental, que contribuirá com a pesquisa sobre a transição do quinto para o sexto ano.

A Escola em que leciono, recebe grande parte de seus alunos para o 6 ano, de 4 Escolas Municipais: Professora Ruth Lemos, Professor Moacyr Teixeira, Salim Aboriham e Padre Anchieta. Sim, conheço essas 4 escolas municipais.

R1: A Escola em que leciono, recebe grande parte de seus alunos para o 6 ano, de 4 Escolas Municipais: Professora Ruth Lemos, Professor Moacyr Teixeira, Salim Aboriham e Padre Anchieta. Sim, conheço essas 4 escolas municipais.

R2: Creio que acontece a articulação entre Estado e Município no que tange a transição escolar dos discentes, porém, percebo uma relação muito mais burocrática, do que de fato uma transição teórica - pedagógica.

R3: Sim, conheço.

R4: O Ensino de História até o 5 ano, acontece de maneira introdutória, focando em conteúdos que dizem respeito a realidade direta dos alunos. Suas histórias pessoais, familiares, do bairro em que moram e estudam, da região da Cidade em que se localizam e do Município em que nasceram e vivem. A História do Brasil, é abordada de maneira bem simplificada.

R5: Sim, já acessei o sistema SERE, tendo contato com os relatórios dos alunos ingressantes.

R6: Não conheço esse material e não participei de nenhuma formação nesse sentido.

R7: Sim, no início do ano durante a reunião pedagógica abordamos a questão da transição. Acredito que exista essa preocupação em relação ao tema, porém, de maneira muito pontual. O tema não é abordado como questão fundamental e não é reservado um tempo adequado para a temática. Sim, o plano de ação da escola assegura a transição, mas o espaço reservado para a questão é limitado.

R8: Em minha opinião e experiência, vejo que o principal entrave nesta transição, na disciplina de história, está na dificuldade dos alunos em desenvolver pensamentos abstratos e críticos. A leitura é compreensão textual, também é incompleta. Acredito

que essa dificuldade aconteça, pela ausência de um maior debate e ações diretas no processo de transição.

R9: Na formação continuada, o assunto é abordado, mas como tema menor. A devida atenção para a uma temática tão importante deixa a desejar.

R10: Interpretação de temas abstratos e de leitura, além de dificuldade na escrita.